

Comedia  
Aspacia na Siria  
N. 16.

COMEDIA NOVA  
 INTITULADA  
 ASPACIA  
 NA SYRIA.  
 INTERLOCUTORES.

*Alexandre , Rei da Syria.*

*Demetrio , seu Filho.*

*Arbace , Confidente de Alexandre , e seu Capitão da Guarda.*

*Aspacia , Filha do Rei do Epiro , supposta particular Dama , com o nome de Ijmené , amante de Demetrio.*

*Berenisse , Princesa do Egypto , destinada Es-*

*poza de Demetrio.*

*Decio , Principe , amante de Berenisse.*

*Clarco , Embaixador do Epiro , amante de Aspacia.*

*Taveco , Criado de Demetrio.*

*Tacaõ , seu Pai , servandija de Palacio.*

*Melinde , Criada de Berenisse.*

*Soldados da Syria , e do Epiro.*

ACTO I. SCENA I.

*Vista de mar com ponte , Naus no longe com Escalêves para o desembarque de Berenisse , e jábe Aspacia em traje de homem.*

Asp. **O** Nhe , ó desgraçada estrella ,  
 me guias afflicta os passos ,  
 se em cada hum , que prongo ,  
 tropeço em sustos , e damnos !  
 Esta do traidor , que busco ,  
 he a Patria ; oh se o meu fado  
 de tanto mal conuipido  
 me permitiu-se encontra-lo ,  
 por ver se a cumprir o obrigaõ  
 as ternuras de meu pranto ,  
 de Espozoz os amantes votos

tantas vezes protestados !  
 E se perjuro infiltrir  
 em desprezar-me o tiranno ,  
 verá que ás minhas injurias  
 sei buscar o dezaggravoz.

*Sube Tacaõ.*

Tac. A praia inda está dezerta ,  
 e se acazo naõ me engano  
 lá vejo a armada da noiva  
 quarenta legoas ao largo :

A

gran-

grande festa ; grande festa ;  
o banquete ha de ser pásmo !  
Nãõ me contento ao jantar  
com menos de trinta pratos.

*Asp.* A este perguntarei  
pelo aleivozo Nicandro.  
Es natural desta terra ?

*d parte.*

*Tac.* Desta mesma, onde estamos,  
nãõ Senhor, olhe, alli mais  
adiante he o meu bairro.

*Asp.* (Simples me parece ; ) escuta.

*Tac.* Pergunta como me chamo ?

Tacaõ, e he o meu officio  
servandiã de Palacio :  
pertende iãta saber mais ?

*Asp.* Sim ; como teres no Paço  
conhecimento terás

dos grandes. *Tac.* Grande sãõ os annos,  
deveras, mete-me a bulha ?

Comigo estã debicando ?

*Asp.* Pergunta-te se conheces  
( importa-me tolerã-lo. )  
os da primeira grandeza ?

*d parte.*

*Tac.* Agora entendo ; os fidalgos ?  
Conheço-os a hum por hum.

*Asp.* E conhecerás Nicandro,  
que he do Capitaõ da guarda  
filho ? *Tac.* Estã mui enganado,  
cã os Capitaens da guarda  
nenhum tem filho Nicandro.

*Asp.* Se tambem me enganaria  
na Patria, e nome o tiranno ?  
Para quantas desventuras  
me tem guardado o meu fado !

*Tac.* Oh ! Já vejo accompetiva,  
vem de arromba o espalhãtato,  
tras grande acompanhamento !  
Caspite ! O Noivo vem guapo :  
Oh ! Tambem lá tras meu filho,  
que lhe vem de guarda ao rabo.

*Asp.* Que esplendida cometiva  
serã esta ?

*Tac.* He o noivado  
da Princeza lá do Egypto,  
cã com o Principe meu amo,

*Vem sabindo Alexandre, Demetrio, Tarco, e  
acompanhamento Real.*

*Alex.* Principe, como he possivel,  
que no dia, em que do Sacro  
Himneu o laço accitas,  
troques com tanto desmaio  
o gofso, que ter deveras,  
em desprazer taõ infausto ?

Dem Senhor, nãõ fei que violencia  
me faz do conforcio o laço,  
que o coraçãõ pressagiozo,  
no peito em motu apressãdo,  
o vinculo me repugna,  
que quereis celebrar fausto ?

*Tar.* Com que he taõ pouca pensãõ  
tomar de huma caza o cargo ?

*Alex.* Talvez que de bom annuncio  
nãõca, filho, o sobretãto.

*Asp.* Numes eternos, que vejo !  
Este he o prejuro ingrato,  
que entre afficçoens, e martirios  
busco com disvello tanto !

*d parte.*

*Tar.* Senhor Pai, de-me a sua bençãõ.  
*Tac.* Sejas bem abençoado.

*Alex.* Depois, filho, que voltafte  
de ver os Reinos estranhos,  
nãõ tenho instante de alivio  
no teu semblante observado,  
sem communicar queres  
a cauza dos teus cuidados.

*Tar.* Pergunte-mo cã a mim,  
e contar-lhe-hei todo o cazo.

*d parte.*

*Asp.* Nãõ tenho que duvidar ;  
he o fingido Nicandro :  
Ah vil, quem podera ao menos  
vingar em ti meus aggrãvos !

*Alex.* Pois, Demetrio, he mui precizo  
o seres prudente, e sãbio,  
receberes tua Espoza  
com obzequiozo agrãdo.  
Qualquer paixãõ que te afflija,  
demitte do peito grato,  
e verãõ, que em teu conforcio  
sou Pai o mais empenhado.

*Aspacia na Syria.*

*Dem.* Obediente cumprirei  
teus preceitos soberanos :  
( Ah cara , e inconstante Ismene ,  
teu amor , ainda que falso ,  
me põem no mizero extremo  
de sentir o ultimo estago ! ) *á parte.*

*Tac.* Oh filho , o Principe está  
com focinho carregado :  
suponho que he feia a Noiva ,  
ou o homem quer ser casto.

*Asp.* Melancolico o semblante  
obervo no deshumano ;  
talvez que sejaõ remorsos ,  
que no peito em sobrecalços  
lhe accusaõ a aleivozia ,  
com que me offende o tiranno. *á parte.*

*Alex.* Já das Naus aos Escalères  
veio se está transportando  
o Regio acompanhamento ;  
Filho , a rebelho vamos.

*Dem.* Vamos ; oh Ceos ! De afflicçaõ  
nem posso mover os patios *á p. sobra á*

*Asp.* Ah perdido ! Ah fementido ! ( *Pome.*  
De constancia o peito falso  
me instta , que á villa de todos  
publique teus vis enganos. *á parte.*

*Ao som de huma marcha , vem desembarcando  
Berenisse , Decio , M. Lindre , e acompa-  
namento Real.*

*Alex.* Excelsa Princeza , o Ceo  
meus dezejos prosperando ,  
me deixou lograr ditozo  
dita tão alegre , e fausto,  
Não como da Syria Rei ,  
te recebo , estimo , e amo ;  
porém , com Rei do Egypto  
te acceito , filha ; mostrando  
que do sangue a falta suppreo  
os affectos voluntarios

*Dem.* Princeza Real , acceita  
em humilhes holocaustos  
os meus rentilhos obzequios ,  
mais que de Espozo , de escravo :  
pois os nobres attributos ,

com que o Ceo te tem dotado ,  
te constituem credora  
de Espozo mais elevado.

( Oh , que violencia á minha alma  
custa este fingido agrado ! ) *á parte.*

*Ber.* Que agradavel roito o anima !  
Não , não me enganou seu retrato. *á parte.*  
Rei , Principe , quem mais deve  
do que eu dar graças ao fado ;  
pois prosperando os meus dias ,  
em vosso poder alcanço  
de tanto merito Espozo ,  
hum Pai tão prudente , e sabio.

*Dec.* Excelso Alexandre , invisto  
Demetrio , recebei ambos  
os parabens , com que devo  
applaudir tão doce laço :  
como conductor , e Primo  
de Berenisse ; ( Ah tiranno  
amor , das minhas desgraças  
cheguei ao ultimo estado ! ) *á parte.*

*Alex e Dem.* Eu os gratifico.

*Asp.* Oh Deozes !  
Onde estou ? Que maligno astro  
me conduzio , onde villo  
com tão cruel dezengano  
a minha injuria patente ,  
o meu credito inflamado ? *á parte.*

*Tar.* Aquella ra anguita  
côques n'alma me está dando. *á parte.*

*Tac.* A criada da Princeza ,  
he Tareco delicado. *á parte.*

*Mel.* Que pertenderão de mim  
aqueilles dois espantálhos ,  
que com os olhos , e mãos  
me fazem nul gatimanhos ? *á parte.*

*Ber.* Não sei que disgosto estou  
no teu semblante observando. *Para Demet.*

*Dem.* A's vezes hum grande goito  
produz effectos contrarios :  
a imnenta gloria de obter-te  
me tem , Senhora , admirado.

*Asp.* Ainda mais este injurioso  
vilpendio soffro ? Oh Sacros  
Deozes , já aos meus olhos

rosa a luz me vai faltando.  
 Vacilla o peito, e no peito  
 o coração desfinaado  
 fuffoca a respiraçaõ.  
 Rendida a hum mortal lethargo  
 me sinto; eu morro, ai de mim;  
 Ceos, favor, piedade, amparo. *Desmaia.*

*Tac.* Quem acode a este pobre,  
 que está com hum forte desmaio?

*Alex.* Acudaõ; vejaõ se torna  
 a si: que improvizo acazo!

*Dem.* Ah infeliz, se provarás  
 tambem das penas, que passo;  
 pois de afflicçoens opprimido  
 me sinto no mesmo estado! *á parte.*

*Ber.* Não sei que fusto em meu peito  
 faz deste triste o desmaio. *á parte.*

*Alex.* Quem será? *Tar.* He Estrangeiro,  
 pelo que mostra no fato.

*Tac.* Senhor, este homem me disse,  
 que vinha de longe, e cansado,  
 talvez què tivesse fome,  
 e desmaiasse de fraco.

*Asp.* Ai triste de mim! *Alex.* Já vai  
 o alento recuperando.

*Dem.* Deozes! Que semblante he este,  
 que vem meus olhos? *á parte.*

*Asp.* Ah falso. *á parte.*

*Alex.* Como te sentes? *Asp.* Senhor,  
 os meus tormentos tirannos,  
 só pôdem ter dinitivo  
 da morte nõ ultimo estrago.

*Dem.* Ou mo finge o meu tromento,  
 ou he o bem que idolatro. *á parte.*

*Alex.* Donde és natural? *Asp.* Do Epiro.

*Alex.* A que vens a meus Estados?

*Asp.* Senhor, o cruel destino,  
 que em meu ser domina infausto,  
 da chara Patria me traz  
 por infeliz desterrado.

*Alex.* Porque motivos? *Asp.* Por culpas  
 a que se sujeitaõ varios,  
 os que como eu infelizes,  
 se animaõ de poucos annos,  
 sem conhecerem do mundo

os enganõs simulados.

*Dem.* He Ismene, até na voz  
 conheço o meu defengano! *á parte.*

*Asp.* Em mim repara o traidor! *á parte.*

*Alex.* Como te chamas. *Asp.* Nicandro.

*Dem.* Este he o fingido nome,  
 com que amantes nos tratamos. *á parte.*

*Alex.* Nicandro, compadecido  
 do teu rigorozo fado,  
 quero benigno amparar-te:  
 acompanha-me a Palacio.

*Asp.* Senhor, se o cruel martirio,  
 em que a vida afflicto passo,  
 me permitti se esperança  
 de inda ser afortunado,  
 com justa razaõ differa  
 neste venturozo acazo,  
 que foi o meu precipicio  
 de subir feliz preffagio.

*Alex.* Vamos, Principe, e amada  
 filha, que quero ao teu lado,  
 ir no acerto de Demetrio  
 as ditas felicitando.

*Ber.* Como o acerto he só meu,  
 só devo felicitalo:  
 Oh quem de Demetrio ouvira  
 estes suaves agrados! *á parte.*

*Asp.* Como me observa o cruel! *á parte.*

*Ber.* Vem, Decio. *Dec.* Já te acompanho,  
 por ver se da dor no augmento  
 minha infausta vida acabo. *A Berenisse.*

*Ber.* Que loucura he esta, Decio?  
 Repara no meu estado.

*Dec.* Sim tiranna, ao mesmo tempo  
 suspiro, morro, e reparo. *Vai-se.*

*Alex.* Vem, Demetrio *Dem.* Que violencia!

*Alex.* Demetrio, que he isto infano?  
 Tu com incivilidade  
 meus preceitos ultrajando,  
 faltas ao devido obsequio,  
 com que deves ir tratando  
 obsequiozo a quem te tenho  
 para Esposa destinado?  
 Foge, Demetrio, de feres  
 das minhas iras o alvo.

*Vai-se.*  
*Dem.*

**Dem.** Vamos : Oh Ceos , oh Imene ,  
oh Berenice , oh cuidado !  
**Asp.** Oh tormento , oh tyrannia ,  
oh falsidade , ou agravo !  
**Tar. e Tac.** O' menina !  
**Mel.** Que pertendem ?  
**Tac.** Ah sou raiz , não seja afno :  
Eu tenho aqui que falar ,  
vá acompanhar seu amo.  
**Tar.** Também queria dizer  
a este dengue hum recado.  
**Mel.** Não sejaõ tolos , patetas ;  
se me forem enfadando  
hei-de-lhe com estas mãos  
ao corpo chegar o fato.  
**Tac.** Ai , que taõ doces carinhos !  
**Tar.** Ai , que taõ doces afagos !

*Vai-se.*

*Vai-se.*

*Vai-se.*

*Vai-se.*

*Vai-se.*

*Sabe Aspacia.*

**Asp.** Em fim , oh Ceos , que mais tenho  
que esperar do diverso fado ?  
Com huma injurioza fuga  
manchei o sangue preclaro  
dos Progenitores meus ,  
por culpa de hum vil tyranno ;  
que espero de hum falso amante ,  
que para obter meus agrados  
se fingio Vassallo , e o vejo  
da Syria ao Throno immediato ?  
Principe ha de attender-me ,  
o que me enganou Vassallo ?  
Não , não o devo esperar ;  
porque , traçoens professando ,  
este aleivozo será  
traidor em qualquer estado.  
Pois dize cruel destino ,  
que devo fazer ? Hei de acazo  
estar a todo o momento  
a minha injuria observando ?  
Não ; porque he morte incessante  
hum alento injuriado.  
Não vejo propinquo ás nupcias  
o cruel ? Sim : pois que faço ,  
que o meu amor não extingo  
com a minha vida ? Neste estrago

a morte seja colerio  
do meu mal ; porque só lavo  
as manchas do meu decóro  
com meu sangue derramado.  
O mortifero instrumento , *Tira o punhal.*  
abre-me este peito infaulto ,  
e tenhaõ com minha morte  
os meus tormentos decanço. *Vai a servir-se.*

*Sabe Demetrio , e lhe tira o punhal da mão*

**Dem.** Suspende o golpe cruel.  
**Asp.** Deixa matar-me tyranno.  
**Dem.** Quem , falsa , te obriga a esse  
homicidio voluntario ?  
**Asp.** Tu mo proguntas ?  
**Dem.** Sim , féra :  
Foi infiel o teu Cliarco ?  
Faltou-te aos amantes votos  
que te jurou ? Foi ingrato ,  
sem que tu lhomerecelles ,  
te offenteo prejuro , e falso ?  
**Asp.** Ainda ao meu amor faltava  
mais este ludibrio amargo !  
Aparta-te dos meus olhos ,  
fementido , deshumano ,  
escandalo da lealdade ,  
monstro dos mais vis enganos :  
mas , Ceos , deliro ? A Demetrio ,  
Principe da Syria , trato  
com tanta audacia ? Perdoa ,  
oh Principe Soberano ;  
que digo ? Eu perdaõ pedir  
a hum aleivozo infano ?  
Não : mal pôde haver perdaõ  
onde não se encontra agravo.  
Sim , bem digo ; és hum traidór ;  
pois quem engana jurando  
fé a huma simples mulher  
na flor de seus tenros annos ,  
em que menos se distingue  
do sincero , ou simulado ,  
he vil ; nem mostra que vive  
de sangue Regio animado.  
Emmudeceste , aleivozo  
Demetrio ? Porém me engano :

eu não falo com Demetrio ;  
 falo com o traidor Nicandro.  
 Não es tu , o que em Epiro  
 tantas vezes protestando  
 mil finezas , conseguiste  
 fer de meu affecto o alvo ?  
 Não es , o que tantos votos  
 a eivozo quebrantando  
 entregaste a hum vil fuga  
 teus apocrifos agrados ?  
 Não emuleças , cruel ;  
 fala , aleivozo , inhumano :  
 calas as tuas traiçoens  
 de ti mesmo horrorizado ?  
 Barbaro , infiel , prejuo ,  
 homem , em fim ; e nisto falo  
 tudo ; pois sobra este nome  
 para te inculcar de falso.  
 Emmudeceo o inimigo !  
 Não responde o deshumano :  
 ás minhas afflictas queixas  
 he insentivel penhasco !  
 Tens razão para o silencio ,  
 deixa-me , vai-te , que os Sacros  
 Ceos nos darão , como justos ,  
 conuidos do meu fado ,  
 a ti na vida castigos ,  
 a mim na morte descansos.

*Dem.* Tens já deste coração  
 as queixas dezafogado ?  
 Vê se ainda tens mais injurias ,  
 de que me vas accuzando ?  
 Continúa , que eu te attendo  
 com animo foccegado ;  
 para que emmudeces ? Fala  
 Iúmene ; mas só reparo ,  
 que accuzas os meus delictos ,  
 e dos teus não fazes cazo.  
 Eu sou o vil ; assim he ,  
 o aleivozo , deshumano ,  
 teus excessos forão finos ,  
 os meus rendimentos falsos :  
 oh quem prezente tivera  
 o teu amante Cliarco ,  
 con quem te ouvi tantas vezes

ternos amores tratando ,  
 que póde fer que a scena  
 a nossa forte trocando ,  
 tu fosses a ciminosa ,  
 e não fosse eu o culpado :  
 agora porque não falas ?  
 Tens razão : mui bem o alcanço :  
 como te horroriza a culpa ,  
 o silencio he desculpado ;  
 traidora , aleivoza , e , em fim ,  
 peito feminil , e ingrato ,  
 que he o mesmo , onde existe  
 todo o genero de enganos.  
 Emmudeceo a prejura !

He o seu delicto claro ;  
 não fala ; he ás minhas queixas  
 penha immovel ; duro aço :  
 vai te , em fim , que como justos  
 darão os Deozes Sagrados  
 a ti , como falsa , a pena ,  
 a mim , como fume , o pago.

*Asp.* Cruel , viste me algum dia  
 tratar amante a Cliarco ?

*Dem.* Sim , da tua falsidade  
 fui testemunha.

*Asp.* Ah tiranno !

Oh Deozes , eu enloqueço !

*Dem.* Já me tenho demorado  
 contigo mais que devia :  
 acompanha-me.

*Asp.* Sim , falso ,  
 eu te acompanho : o Ceo queira ,  
 que a minha ida a Palacio  
 a pezar da minha injuria  
 não seja para teu damno :  
 porque os Ceos como offendidos  
 de procederes tirannos  
 para injurias castigar  
 faberao despedir raios.

*Dem.* Que damno haverá maior ,  
 que este em que eu me acho.

*Vão-se.*

## S C E N A II.

*Sala Regia com Throno, e cadeira vazia.*

*Sabe Alexandre.*

**Alex.** **T**Riste, e confuzo, em Demetrio  
obfervo tal repugnancia  
para celebrar as nupcias,  
que sem comprehender a cauza  
me afflijo, vendo que ingrato  
os meus preceitos quebranta:  
Ah louco filho, bem temo,  
que a tua imprudencia varia  
em teus repudios fulmine  
a mais aspera vingança.

*Sabe Arbace.*

**Arb.** Já o Embaixador do Epiro  
como ordenaste, na sala  
espera.

**Alex.** Vai conduzi-lo. *Vai-se Arbace.*  
Deixai-me idéas pressâgas:  
não fei, que me aviza o peito  
desta improviza Embaixada.

*Sobe ao Throno, e sabe Arbace, e Cliarco,*  
*precedidos de acompanhamento.*

**Clarco.** Excelso Alexandre, o Rei  
do Epiro, por mim te manda  
muito saudar, dezejando  
que emperpetuas alianças  
gozes tranquello este Imperio  
idades mui dilatadas.

**Alex.** Senta-te, Embaixador, *Senta-se.*  
que pertende o teu Monarcha?

**Clarco.** Já sabes, que ha quatro lustros,  
por sublevaçoes infauistas,  
foi precizado o meu Rei  
buscar em alheia patria  
azilo á vida, e o achou  
na Corte do Rei da Tracia,  
onde existio estes annos  
deposto da Coroa Sacra,  
até que obtendo soccorro  
de alguns Soberanos da Azia

foi restituído ao Throno,  
onde hoje absoluto manda.  
Ao tempo do seu retiro  
tinha na pueril infancia  
de dois lustros huma filha  
herdeira da Real caza.  
E como a vil rebeldia  
dos Vassallos intentava  
naõ deixar da Estirpe Regia  
com vida a mais tenra planta,  
foi por hum grande do Epiro  
occulta a Princeza Aspacia,  
e com o titulo de filha  
a salvou da morte infauista,  
sem ella saber qual era  
a sua Regia Prozapia:  
assim que o meu Rei triunfante  
entrou em Epiro, a amada  
filha procurou; porém  
soube que deixando a caza,  
de quem com tanto disvello,  
e tanto amor a criava,  
induzida de hum engano  
da Syria o Reino deixara.  
Afflicto o Rei meu Senhor  
de noticia taõ amarga,  
individuoõ diligente,  
qual foi desta fuga a cauza:  
soube que na sua Corte  
teu filho Demetrio andara,  
que com amantes affectos  
com Ismene se tratara,  
que este he o fingido nome,  
com que se educou Aspacia;  
soube mais, que ao mesmo tempo,  
em que a Princeza faltara,  
naõ fora em Epiro visto  
Demetrio mais; circumstancias,  
que o accuzão author do rapto  
da Princeza; e meu Monarcha  
desta culpa estimulado  
protesta de vingar ....

**Alex.** Basta:  
as Embaixadas se daõ  
com razoens mais moderadas.

*Clarco.*

*Clarc.* Assim a insinuaçãõ tive  
para te dar a Embaixada.

*Alex.* Pois em methodo incivil  
por Embaixador te manda  
o teu Rei? Mas não he muito,  
quẽ os estulos já não saiba,  
quem não cingio quatro lustros  
na Cabeça a Coroa Sacra:  
teus ain'a mais que dizer?

*Clarc.* Toda a proposta me falta  
que intimar-te.

*Alex.* Continãta,  
Embaixador, e repara,  
que deves com o meu respeito  
medir as tuas palavras.

*Clarc.* Certo o meu Rei, de que fora  
teu filho, quem lhe roubara  
a Princeza .....

*Alex.* Oh lá, que dizes?  
Pondera, que essa arrogancia,  
quando o meu decõro offende,  
a tua vida ameaça.

*Clarc.* Como eu sirva inteiramente  
ao meu Rei, como elle manda,  
o morrer neste exercicio  
he mais gloria, que desgraça:  
Eu já concluo, e depois  
obra o que quizeres.

*Alex.* Fala,  
e vê bem não te arrependas  
dessa orgulhoza audacia.

*Clarc.* Quer, em fim, que com Demetrio  
caze sua filha Aspacia,  
e que com este Himineu  
seus agravos satisfazas:  
ou temas em teus Dominios  
o rigor das suas armas;  
pois por teu Imperio entrando  
suas valentes esquadras  
afolando a fogo, e sangue .....

*Alex.* Oh lá, tenho ouvido; basta:  
Nem o teu Rei me intimida,  
nem temo as suas esquadras.  
pois muitas vezes tremeraõ  
das minhas triunfantes armas;

e quando seja verdade;  
que o Principe essa Dama  
troucesse, não tem mais culpa,  
que trazer huma Vassalla.

*Clarc.* Vassalla a Princeza? *Alex.* Sim.  
Pois todo o engano ignorava  
Demetrio.

*Clarc.* Mas vingativo .....

*Alex.* Cala-te, mais me não faças  
com esse impudente orgulho  
apurar a tolerancia,  
que talvez para salvar-te  
da pena, que te não valha  
ter de Embaixador o indulto  
observado dos Monarchas.  
Para Esposa de meu filho  
Berenisse, Soberena  
Princeza do Egypto, está  
nesta Corte destinada.

Se Ismene estiver em Syria;  
eu farei logo entregala;  
e tu levando-a ao teu Rei  
lhe intimarás, que arrogancias  
lhe não temo; pois em Syria  
inda perziste a lembrança  
de como foi rebatida  
sua furia temeraria,  
quando moveo contra mim  
a sua gente esforçada;

que he para meu poder Regio  
mui puzilamine, e fraca.  
Tu de Embaixador aprende  
o caracter, que te falta,  
e saberás melhar, como  
aos Soberanos se fala:  
Cuida em moderar prudente  
a vil, e orgulhoza audacia,  
fenaõ levarás o premio  
de tão soberba Embaixada.

*Clarc.* E tu logo verás como  
o meu Rei se desaggrava,  
pois protesta destruir  
com destimida arrogancia  
de Cidade tão soberba,  
a maquina levantada.

*Desce do  
Throno.*

*Vai-se.*

SCENA

SCENA III.

Aspacia na Syria.

Jardim. Sabe Tacão, e Melindre.

**Tac.** **P** Ara que esconde menina  
a quem a adora essa cara,  
Se inda que caro me me custe  
com ella hei de pôr-me abarba.

**Mel.** Senhor Tacão, já lhe disse,  
que não gosto dessas graças,  
sou huma moça fezuda,  
não quero rabos de palha.

**Tac.** Ora ao menos por fineza  
hum só desprezo me faça.

**Mel.** Se não tivera respeito  
aos seus annos, o ensinara.

**Tac.** Pois se eu mereço castigo,  
venhaõ as palmatoadas.

**Mel.** Num se vendija como esse  
não põem as mãos huma *Dama.*

Tareco ao Bastidor.

**Tar.** Que lindo encontro! O meu velho  
todo namorado anda  
desta moça, quero ouvir  
quatro finezas rasgadas.

**Tac.** Pois menina, em que ficamos?

**Mel.** Em lhe dar muita pancada.

**Tac.** He crime ser seu amante?

**Tar.** Ai, o velho que se baba!  
Mas eu faio-lhe ao encontro.  
Senhor Pai, Arbace o chama,

**Tac.** Que quer este se vendija?

Nunca lhe dei confianças  
para me mandar chamar,  
com a pressa que se manda  
chamar alli hum Barbeiro,  
para fazer huma barba.  
Minha Melindre, não seja  
com quem a adora tyranna. *Para ella.*

**Tar.** Senhor, avie de pressa.

**Tac.** Vasse maroto: minha alma  
de-me duas palavrinhas.

**Tar.** Ande, ande, senhor, que aguarda?

**Tac.** Olhe que o pizo a coices;

ora falle minha mana.

**Tar.** Menina, despache o velho,  
que tem que fazer em caza.

**Mel.** Olhe, se fosse você,  
quem me dissete essas graças,  
talvez lhe correspondera,  
porque me não dezagrada.  
Quero fazer doido o velho.

**Tar.** Merina, comigo falla?

**Mel.** Sim, porque toda rendida  
quero estar na sua graça.

**Tar.** Ai, que de contentamento  
as unhas dos pés me faltaõ!

**Tac.** Não se atura esse desprezo!  
está galante a eriança!

Para o Pai empedernida,  
para o filho assucarada!

Vasse daqui marotoã,  
se me entrar mais nesta caza,  
com estas paternaes mãos  
lhe hei de arrancar essas barbas.

**Tar.** Pois, senhor, eu tenho culpa  
se a moça de mim se agrada?

Qual he o caõ que lhe lançaõ  
o osso, e que não lhe agarra  
logo com unhas, e dentes?

**Tac.** Tenho dito; basta, basta:

você, Senhora Melindre,  
não me tenha a confiança,  
de andar dezembcabrestando  
a meu filho. *Mel.* Ah sou barbaças!  
se for dezavorgonhado,  
hei de pôr-lhe as mãos na cara.

**Tar.** A menina tem razão,  
meu Pai, veja como falla!

**Tac.** Reprehende-me caõ? Ora ande, *Da-lhe*  
apare essa bofetada.

**Tar.** Vá dar em si, porque eu já  
não sou criança de mama.

**Tac.** Ande maroto. *Mel.* Oh bribante!

Já he muita confiança;  
e minha vista a seu filho,  
sem cortezia enchovalha?

**Tac.** Hei de affogalo patife. *Agarra nelle.*

**Tar.** Ai, que me aperta a garganta,

se minha Mãe fosse viva,  
vossa mercê não andara

sempre comigo aos carolos.

Ai, minha Mãe da minha alma!

*Tac.* Ande, que ella teve a culpa,  
pelo mal que o ensinava.

Vasse daqui marotão,  
não me diga mais palavra.

*Tar.* Eu me vou, esteja quieto.

Mas ouvirei o que fallar. *a parte, esconde-*

*Tac.* Senhora minha, perdoe *Je.*

se andei com demaziada

descortezia; sou Pai,

e dei com mui justa cauza.

*Mel.* Mas devia reparar,  
que á minha vista lhe dava.

*Tac.* Onde se faz o delicto,  
ahi mesmo he que se paga:

*Mel.* Por dezattento perdeo  
ter em meu amor entrada.

(Fazelo doido he o menos,  
que de mim tira este jarra.) *a parte.*

*Tac.* Com que perdi, meu bemzinho,  
ter o ar da sua graça?

*Mel.* Ora venha cá, meu bem.

*Tar.* Ai a menina; que me ama! *a parte.*

*Mel.* Eu lhe perdo-o por esta,  
mas veja que outra não faça:  
agora he o meu arrojado.

*Tar.* Ah, bebada, que me es falsa. *a parte.*

*Tac.* E diga: quer ser menina,  
a dona da minha caza?

*Mel.* Ai, pois não, quero meu bem.

*Tac.* Em final dessa palavra,  
deixe-me dar hum beijinho  
nessa maõzinha de nará.

*Mel.* Já queria? *Tac.* Melhor fora,  
que em outra parte abejirara. *a parte.*

*Tac.* Deixe-me beijar, se quer  
hum dedo, não seja escassa.

*Mel.* Isso não. *Tac.* Ora ao menos  
deixe-me beijar tiranna  
a unhinha do meminho,  
ou se quer deixe chuxala.

*Mel.* Ahi a tem, mas espere,

e como? Eu não reparava;  
não sabe, que de joelhos  
se beja a mão de huma Dama?

*Tac.* Errei, errei, mais de rastos  
me proffro para beijala.

*Tar.* Senhor, avie de pressa.  
que já o espera na sala,

Arbace. *Tac.* Valha-te hum dardo;  
viefies a deitar-me agua  
na fervura. *a parte.*

*Tar.* Ouve, Senhor?  
Huma vibora a sauhada,  
por sua mercê esperando  
está o Capitão da guarda.

*Tac.* Diga-lhe, que não quero ir,  
que me busque em minha caza.

*Tar.* Havie, não se demore;  
então, quer que ElRei o saiba?

*Tac.* Vasse já embora, velhaco:  
juro-lhe por estas barbas,  
que se me tornar mais aqui  
o hei de fazer em mostarda.

*Tar.* Pois bem, eu lhe vou dizer,  
que não quer hir.

*Mel.* Já se aparta,  
senhor Tarequinho? Assim  
he que meus carinhos paga?

*Tac.* Ai, que a rapariga he doida! *a parte.*

*Tar.* Irrá, que a moõa he veihaca! *a parte.*

*Mel.* Ora venha cá meu mano.

*Tac.* Vasse embora que agoarda?

*Tar.* Não, que a Senhora Melindre;  
toda rendida me chama?

*Tac.* Você não quer ir por bem?  
Não! Pois irá á pancada. *Dulbe.*

*Tar.* Eu vou, não estará quieto!  
Devagar, devagar, basta. *Esconde-se.*

*Tac.* Ai, Senhora, isto faz-se?  
Sua mercê dizendo graças,  
a meu filho, zo mesmo tempo,  
que está para ser cazada  
comigo? *Mel.* Ai, pois desconfia?  
Não tem razão se se agrava,  
quer que ralhe com o menino,  
de quem hei de ser madrastra?

Sabe.

a parte.

Dulbe.

Esconde-se.

Coi.

estadinho do pequeno.

*Tac.* Pequeno daquella casta,  
que he capaz de ser Pai  
de mais de vinte crianças?

*Mel.* Ora deixe, que o pequeno  
por ser fezudo me agrada.

*Tac.* Olhe, que o pequeno já  
não he pequeno de mama.  
Pão em humma mão, pau noutra,  
só se dá a tais crianças.

*Tar.* A mim me melem, se Melindre  
não está logrando o jarra. *á parte.*

*Mel.* Senhor Tacaõ, para mim  
reprehengoens são escuzadas,  
que hei de tratar a seu filho  
com carinhozas palavras.

Eu não quero, que se diga,  
quando elle em meu poder caia,  
que lhe falta sua Mãe,  
que, em fim, sempre sou Madrasta:  
senão deixemo-nos disso,  
não quero fer mal cazada.

*Tac.* Ai! Não meu bem, não se enfade;  
tudo quanto quizer faça,  
o ponto está que ao depois,  
não seja comigo falsa,  
pois me tem todo rendido.

*Tar.* Ai, que o ginja se estrangalha! *a parte.*

*Tac.* Que me responde meu dengue?

*Mel.* Não tenho, que dizer nada,  
senão que sou toda sua.

*Tac.* Ai, que morro! Quem me agarra,  
que me desmaio de gosto,  
segure em mim que não caia.

*Mel.* Ai! Que tem? Que tem meu bem?

*Tac.* Que hei de ter! Tenho folganças,  
juntas com huns formigueiros,  
que me comem a mesma alma.

*Tar.* Maus formigueiros te dem,  
desde os pés até á calva. *á parte.*

*Tac.* Senhora Melindre, diga:  
falla verdade, ou me engana?

*Mel.* Eu enganalo a você?

Tem me feita sua escrava.

*Tac.* Ora pois, venha hum abraço,

para mais acreditarla.

*Mel.* Pois não! Darei meu hemzinho.

*Tar.* Elle não ha de abraçala. *á parte.*

*Tac.* Ora venha. *Mel.* Aqui o tem.

*Tar.* Pai, o Capitão da Guarda *Sabe*

esperando a sua mercê,  
está aqui posto de empada.

*Tac.* Agora fiquei agoado  
da mesma sorte, que estava.

*Tar.* Não se demore, Senhor,  
repare, que Arbace o manda  
prender por doído. *Tac.* Que diz?

*Tar.* Sim, Senhor; porque não acha,  
que he mais que doído quem quer  
cazar-se tendo essas brancas?

*Mel.* Regalou-me o tal Tareco,  
he maganaõ, e tem graça.

*Tac.* Agora fim; desta feita,  
ha de me acabar nas garras. *Da-lhe*

*Mel.* Tenha mão, sou sevandija,  
não dê, assim, na criança.

*Tar.* Vou-me safando do velho,  
que cada vez mais se assanha. *á p. e vai-se*

*Tac.* Ainda que fuja velhaco,  
hei de maçar-lhe a mesma alma. *Vai-se*

*Mel.* Ainda queria cazar?  
forriada, forriada. *Vai-se*

*Sabe Decio, e Bevenice.*

*Ber.* Decio, desses tens excessos  
já impaciente me irrita,  
pois temo que possas fer  
ao meu conforcio nocivos.

*Dec.* Em quanto não vir completo  
o teu Hymineo, preciso  
assistir-te; numerando  
na serie dos meus martirios  
mais este, oh Deozes! Mais este  
rigorozo sacrificio.

Ingrata, tiranna, fera ...

*Ber.* Decio, que louco delirio  
he esse? De mim te queixas  
indouto, e inadvertido?  
Jurei-te se algum dia?

Teus affectos excessivos

accetei? E depois falsa  
transgredi de amor os ritos?  
He certo que não; pois logo  
queres que esteja atingido,  
que saõ tuas fataes queixas  
defeito do teu juizo?  
Destina-lo estas. Espozo  
de minha Irmaõ, e he devido  
faberes-te contentar  
com as leis do teu destino.

*Dec.* Inda para esse Hymineo  
naõ dei a ElRei meu Tio  
consentimento; nem julgues;  
que a affectualo me inclino;  
porque depois de perder-te  
mais nada do mundo esumo:  
sempre da minha esperança  
tu foste o doce motivo;  
mas como sou desgraçado,  
que sentisse era preciso  
com minha esperança infausa  
extinguir-se os meus alivios.  
Meu bem .... *Ber.* Decio, que proferes?  
Que louco, e imprudente estylo  
de fallar he este? *Dec.* Errei,  
reconheço o meu delicto;  
mas a quem em breves horas  
dará o final suspiro,  
este dezaõgo ao menos  
bem póde ser premettido.

*Ber.* Aparta-te dos meus olhos.  
*Dec.* Sim, tyranna, eu me retiro  
por ver se mais brevemente  
me corta da vida o fio  
a minha ardente saudade,  
que o teu rigor dezabrilho.

*Vai-se.*

*Ber.* Deozes Sagrados, com que ancia  
pulsa o coração afflicto!  
as repugnancias do Espozo,  
os excessos de meu Primo;  
humã confuzãõ de penas  
fazem n'alma, e nos sentidos:  
temo que viesse á Syria  
por desgraça do destino.

*Dem.* Onde encontrarei piedade  
ao meu penozo martyrio?  
porém, que vejo, a Princeza!  
Nem a fallar-lhe me animo. *Retirando-se.*  
*Ber.* Demetrio, espera; de tanto  
horror aos teus olhos sirvo,  
que assim, que me vez, te auzentas?  
Eu bem conheço que es digno  
de humã Espoza, que se adorne  
de attributos mais luzidos,  
e que os demeritos meus  
saõ do teu mal incentivos;  
mas como o Sacro Hymineo  
nos naõ tem ainda unidos,  
ainda no repudio tens  
a teus males lenitivo.

*Dem.* Dizes bem, para o conforcio  
dezanimado me sinto;  
teus Regios merecimentos  
devem só ser pessuidos  
de quem mais do que Demetrio  
te saiba idolatrar fino:  
perdoa-me o dezanimo,  
eu Berenissã te affirmo,  
que se hum só instante ardesse  
nas chammãs, em que ardo vivo,  
quanto sou comtigo ingrato,  
foras tyranna conmigo;  
mais convem ás tuas nupcias  
amante Espozo rendido,  
de que hum conforte que faça  
as leis do Hymineo comprindo  
da obrigaçaõ de queter-te  
hum violento sacrificio.

*Ber.* Onde estou, Deozes Sagrados!  
ouço-te ingrato, e ainda vivo?  
Como me naõ rende a injuria  
aos ultimos parocissimos?  
Que incivilidade he esta?  
Que desuzalos estylos?  
Assim na Syria se trata  
humã Princeza do Egypto?  
Estes de hum Reino famoso

se os costumes polidos?  
 Como serás os Vassallos,  
 e os Príncipes são indignos;  
 dizes bem para me obter  
 não tens meritos devidos,  
 pois huma Princeza Egyptica  
 merece Espozo mais digno:  
 es tyranno, e incivil.

*Sabe Alexandre.*

*Alex.* Princeza, quem dá motivo  
 ao teu enfado? *Ber.* Senhor,  
 procura para teu filho  
 huma espoza, que lhe agrade,  
 e não queiras, impropicio  
 ao seu gosto, violentalo  
 num conforcio aborrecido.

*Alex.* Espera, Berenisse, ouve.

*Ber.* Quanto basta estive ouvindo  
 a Demetrio; indecorozo  
 me fora ouvir mais ludibrios.

*Dem.* Muito de ponto as desgraças  
 em meu damno vão subindo

*Ber.* Senhor, do teu doce agrado  
 antencioza me obrigo;  
 mas do rigor de Demetrio  
 muito me offendo, e horrorizo;  
 e por não ver mais em Syria  
 o meu respeito offendido  
 para o Egypto, retirar-me  
 sem dilação determino.

*Alex.* Modera Princeza a ira,  
 e dize-me .... *Ber.* O que te digo,  
 he que não soffrem desprezos  
 as filhas do Rei do Egypto. *Vai-se.*

*Alex.* Que me succede, oh desgraça! *á parte.*

*Dem.* Aborto, mudo, e afflicto  
 o meu Pai temo irritado,  
 nem a fallar-lhe me animo. *á parte.*

*Alex.* (E he este em que esperava  
 da minha velhice o alivio?)

*Dem.* Oh Deozes, com que semblante  
 irado me está medindo!

*Alex.* Ceos, he este o que eduquei  
 com tanto disvello, e mimo? *á parte.*

*Dem.* Se tanto temo de velo;  
 que succederá de ouvido?

*Alex.* Mudou o ingrato de cor!

*Dem.* Com aspecto enfurecido  
 olha para mim.

*Alex.* Ingrato,  
 perfido, que astro maligno  
 domina o teu génio louco,  
 para meu damno, e castigo?  
 Es tu, sou eu? Porém não;  
 porque ambos desconhecidos,  
 eu pelo horror de observar-te,  
 e tu pelos teus delictos.

Onde tens Ismene? Dize,  
 temerario, e louco filho?

Cala-se, suspira, e treme? *Observando.*

He possível fementido,  
 que tenha educado em ti  
 o meu maior inimigo?

Sabes que trouxestes em Ismene  
 a filha do Rei do Epiro?

Que ella ignorava qual era  
 seu esplendor natalicio,

pois foi de mui tenra idade  
 seu nascimento escondido?

Onde a tens? Dize, aleivozo,  
 da minha morte motivo.

*Dem.* Que lhe direi! Sacros Numes. *á parte.*

*Alex.* E como está pensativo!

Não me respondes? *Dem.* Senhor: ....

*Alex.* Dize, aonde está?

*Dem.* Eu te affirmo,

que ignoro quanto me dizes:  
 dos criados que do Epiro  
 me acompanharaõ, bem podes  
 saber, se trouxe comigo  
 alguma Dama ... *Alex.* Que dizes?

*Dem.* Que he verdade, o que te explico,

*Alex.* Bem está; eu saberei  
 tudo, pãrn teu castigo:

Dize-me agora, Demetrio,  
 que insanias, que dezatinos,  
 que ingraticidões, que cegueiras  
 te perturbaõ os sentidos,  
 que do teu civil agrado

te trazem tão pervertido?  
 Julgas que hei de tolerar  
 ao teu concórcio preciso  
 o repudio? Oh Ceos! Dize?  
 Só de o peñar me afflijo!  
 Para agravar tua Esposa,  
 que razaõ tens? Que motivo?

*Dem.* Senhor, o motivo he fer  
 o concórcio aborrecido  
 do meu genio. Pai perdoa,  
 sei que sou ingrato filho,  
 dezobediente, e mereço  
 fer do teu rigor punido;  
 conheço a tua razaõ,  
 e sei que não era digno  
 de ter por Pai hum Eroo  
 tão famigerado, e invicto:  
 sei que nesta Regia mãõ,  
 aonde os labios imprimo,  
 não devo tocar por fer  
 louco, perverso, e iniquo.

*Alex.* Ah filho, vem a meus braços,  
 pois também de enternecido  
 todas as penas que sentes  
 em minha alma afflicta sinto.  
 Agora podes mostrar  
 Demetrio, filho querido,  
 quanto sabes condoer-te  
 de hum Pai cansado, e afflicto:  
 desempenha-me a palavra,  
 vence no peito benigno  
 a repugnancia, que sentes  
 para o concórcio devido:  
 pelo meu credito acolhe  
 senão tens coraçõ impio.

*Dem.* Ouço te, tremo, e confuzo  
 de mim proprio me horrorizo;  
 enternecem-me os teus rogos,  
 e pela morte suspiro;  
 pois cumprir os teus preceitos  
 não posso. *Alex.* Tenho entendido,  
 que tens esse ingrato peito,  
 mais duro que o bronze rijo,  
 pois aos rogos paternais  
 inexoravel te sinto.

*Dem.* Queixa-te de ti, Senhor;  
 pois foste no meu retiro  
 contratar as minhas nupcias,  
 sem que eu, se quer, fosse ouvido.

*Alex.* Não te julgava, Demetrio,  
 tão imprudente, e por isso  
 as ajustei. *Dem.* Pois, Senhor,  
 eu no Hymineo não consinto.

*Alex.* Oh temerario, insolente;  
 tão absoluto, e atrevido  
 me respondes? Pois adverte,  
 que se fores tão remisso,  
 que repudies a Esposa,  
 a hum Pai verás vingativo,  
 fazendo que a tua morte  
 satisfaca o teu delicto.

*Dem.* Que rigor he este? Oh Ceos!  
 Que impiedade? Ah, que deliro!  
 Estou entre racionais,  
 ou entre feras habito?  
 Foge Demetrio da Syria,  
 foge, que he menos martirio  
 mendigares pelo mundo,  
 do que viveres captivo:  
 sim não queiras a Coroa,  
 vai, desgraçado fugindo  
 de hum Pai ás cruéis violencias,  
 e aos rigores do destino:  
 adeos ó Patria, adeos Pai.

*Alex.* Espera, barbaro iniquo:  
 olá Guardas! *Dem.* Que pertendes?  
 Matar-me? Sim; eu o estimo.

*Sabe Arbace.*

*Arb.* Que ordenas Rei, e Senhor?

*Alex.* Manda Arbace de improviso  
 cercar o Palacio, e aquelle,  
 que fuga der a meu filho  
 condemna á morte: alevozo, *Vai-se Arb.*  
 perdido, tens percebido  
 qual he a minha intençaõ,  
 e qual he teu precipicio?  
 Pois antes que o Sol radiante  
 no novo dia os luzidos  
 raios sepulte; pertendo

ver completos meus dezignios.

Ao Templo de Hymineo Sacro  
em obfervancia dos ritos  
tu com tua Eſpoza irás  
voluntario, ou conſtrangido.

*Dem.* Não irei. *Alex.* Oh temerario ?

*Dem.* Enganas-te, Pai, comigo.

*Alex.* Ingrato, defobedeceſ ?

Onde eſtou que te não tiro  
o coração deſſe peito ?  
Em pedaços dividido.

*Dem.* Baſta, Pai, queres que a mão  
dê á Princeza do Egipto ?

A mão lhe darei ; mas teme :  
que eſte infausto Sacrificio  
não ſeja em minha violencia  
para teu maior ludibrio.

*Alex.* Que pronuncias ſoberbo ?

Oh Ceos, quanto me horrorizo  
de ter com o ſangue infausto  
eſte monſtro produzido :

perſido .... *Dem.* Deixa-me, oh Pai,  
por compaixão to ſupplico,

ſenaõ verás .... *Alex.* Que hei de ver.

*Dem.* Que impaciente, e enſurecido

ſendo eu meu proprio homicida  
dos teus rigores me livro.

*Alex.* Ah filho ! *Dem.* Não he bom Pai,  
quem quer o eſtrago do filho.

*Alex.* Não he bom filho, quem quer,  
que o Pai falte ao promettido.

*Dem.* Ingrato .... *Alex.* Vai-te ſoberbo.

e podes ter entendido,  
que ſenaõ fores ao Templo.  
irás para o teu ſupplício.

*Vai-se.*

*Dem.* Neſtes dois crueis extremos,

o da morte he menos impio :

tiranno Pai .... mas que fiz  
impio, infano, enſurecido  
a meu Pai tanto offendi ?

Que fizeste ingrato filho ?

A fama, a poſteridade,  
o nome, o credito, o brio,  
o respeito, paternal,

o ſangue, os Deozes do Olympo,

todos contra mim oppoſtos  
accuzaão meus delictos :  
nem ameaços, nem rogos  
me abrandarão ? Foi delirio ;  
tô como louco pudera  
obrar tantos dezatinos :

ah ! Meu caro Pai, affim  
recompensó tanto mimo,  
com que me tens educado ?

Sou tiranno ; ah Pai querido,  
eu vou comprir teus preceitos  
a pezar dos meus martyrios ;

mas, ai de mim ! E Aspacia,  
humna Princeza do Egipto,  
que por meu ingrato amor,

ſe expoz a tantos perigos,  
hei de deixar ? He crueldade :  
porém não eſtíve ouvindo

eu meſmo a ſua traição ?

Sim ; logo fico absolvido

do juramento de Eſpozo,  
e obedeço a hum Pai afflicto.

*Sabe Arbace.*

*Arb.* Principe, e Senhor.

*Dem.* Arbace,  
que queres ſiel amigo ?

*Arb.* Muito quero ; mas primeiro  
pertendo Principe invicto,  
me digas ſe o coração  
tens menos enſurecido ?

*Dem.* Intendo-te amigo, dizes ;  
que a meu Pai, como inimigo,  
tratei ; conheço o meu erro,  
deſte eſtoui arrependido.

*Arb.* Pois, Principe ; que lhe peças  
perdaõ, he juſto, e precizo

*Aspacia ao baſtidor.*

*Ajp.* Aqui eſtá o cruel, ſem que ſe emende ;  
cada vez mais me offende,  
ſe emendará agora a fallidade

do meu ſer ponderando a Mageſtade ? á p.  
*Dem.* Vai amigo, conſola a hum Pai magoado,  
dize-lhe, que bem fei, que arrebatado,

offendi

offendi seu respeito ;  
mas que já vou cumprir o seu preceito :  
darei a Berenisse a mão de Esposo.

*Asp.* Ah prejuizo, infiel, impio, aleivozo. *d p.*

*Dem.* Desta resolução seja ciente  
a Princeza do Egypto.

*Asp.* Oh dor vehemente ! *d parte.*

*Arb.* Vou, senhor, consolar teu Pai afflicto.  
queira o Ceo emendar o seu delicto. *Vai-se.*

*Asp.* Só ficou o tyranno,  
que espero, que em seu sangue deshumano  
vingando a minha offensa  
esta espada não banho? *d p. tira a espada.*

*Dem.* Oh Ceos ! Que intensa  
ancia he esta, em que vivo? *Pensativo.*

*Asp.* Confuzo, vacilante, e pensativo  
obseruo o aleivozo:  
não, não será de Berenisse Esposo:  
dos zelos o rigor me anime a furia:  
desta forte se vingue a minha injuria. *Vai.*

*para o ferir, suspende-se*  
Mas ai de mim, que faço?

Gela-se o coração, vacila o braço,  
não me animo á vingança.

*Dem.* Hú instante me deixa, impia lembrança. *d p.*

*Asp.* Mas porque me demoro,  
offendido não vejo o meu decoro?

Sim; pois acabe a vida,  
quem da minha quer ser impio homicida;  
e antes que alguém venha, que o socorra  
morra, morra o cruel: mas ha! não morra,  
sempre he o meu bem; inda que ingrato,  
em minha alma, prezisse o seu retrato,  
e antes que o meu rigor mude de intento,  
vai-te da minha mão fero instrumento.

*Lança a espada no chão.*

*em.* Ceos ! Que fazes, Princeza?

*sp.* Ingrato, nada.

*em.* Para que arrojias ao chão a tua espada?

*sp.* Sabes porque ! Porque valor não tive  
de matar-te aleivozo; porém vive,  
vive tu, que eu chorando a cruel forte,  
farei aproximar a minha morte.

*m.* Vai-te ingrata, inconstante,  
não tens em Syria já o teu amante?

Esquece-te de mim, suspende a queixa;  
ama ao teu Clearco, e em paz me deixa.

*Asp.* Ora bem, já chegou a feliz hora  
de conheceres, que não sou traidora,  
que nunca ao teu amor fiz leve offensa;  
pois na tua presença

da Clearco direi, que nunca amores  
da sua boca ouvi; nem meus favores  
elle obteve algum dia;  
desvanega-se a tua fantazia;  
fim meu bem, pois ficamos de repente  
dezenegado tu, eu innocente;  
e se o que te afirmar, não for verdade;  
negue-me o teu amor toda a piedade;  
e com cruel effeito,  
sem teres compaixão, rasga-me o peito;  
dividindo de amor os doces laços,  
o coração que he teu, faze em pedaços;  
Dezempara-me, em fim: ....

*Dem.* Ah ! Balla, amada;  
já te creio meu bem, es desgraçada;  
pois no presente estado  
te não posso valer: o Pai irado  
de Berenisse quer que eu seja Esposo.

*Asp.* Ah, Len creio agorado; se piedozo  
com quem por ti a Patria, e Pai deixando  
infeliz pelo mundo mendigando,  
pretendendo encontrar alivio á pena,  
a maiores desgraças se condemna;  
queres meu bem, que tome para o Epiro?  
Que horror seria o meu ! Ah que deliro !  
Onde contra mim veja hum Pai irado?  
Que sentindo o meu credito infamado,  
será menor castigo a minha morte:

ah condoe-te, senhor, da minha forte,  
ou acaba de ser meu homicida,  
minha espada aqui tens, tira-me a vida:  
mata-me de huma vez: não me desprezes,  
não me queiras matar por tantas vezes,  
que o golpe me será suavizado  
morrendo ás tuas mãos, Demetrio amado.

*Dem.* Oh ! suspende a expressão, querido encáto,  
e não me afflijas mais com terno pranto;  
castigue o Pai embora o meu delicto,  
e torne Berenisse para o Egypto,

que eu, de novo rendido a teus amores,  
ou sentirrei os últimos rigores,  
de hum Pai arrebatado, e furtozo,  
ou serer, chára Aspacia, o teu Esposo.

*Asp.* E não me enganarás?

*Dem.* Serei constante.

*Asp.* Oh que gloria!

*Dem.* Ah meu bem!

*Ambos.* O peito amante,

a pezar do destino, fê te jura.

*Asp.* Serás falso outra vez?

*Dem.* Serás preiura?

*Asp.* Não me atormentes mais nesse cuidado.

*Dem.* Nem tu me atilhas mais, idolo amado:  
extingua-me meu Pai.

*Asp.* Mate-me a sorte.

*Amb.* Que antes, do que perder-te, quero  
a morte.

## A C T O II. S C E N A I.

*Bosque. Sabe Aspacia retirando-se de Cliarco.*

*Asp.* **N** Am sou quem buscas.  
*Cliarc.* Senhora,

o resplandor do teu rosto,

inda que encobrir-te queiras,  
mostra o teu ser magestoso.

*Asp.* Deixa-me, vê que te enganas.

Oh Ceos, que tiranno encontro! *à part.*

*Cliarc.* Da-me a beijar a Real Maõ.

*Asp.* Já encubrir-me não posso. *à part.*

*Cliarc.* Princeza, deixa o disfarce,

vê que este trage enganozo

de teu Real nascimento

offende o altivo decõro:

vamos para o Epiro. *Asp.* Espera,

Cliarco, pois he forçozo

o declarar-me contigo:

sabe que Demetrio prompto

esta para me comprir

o juramento de Esposo,

que me fez. *Cliarc.* Como te enganas:

Demetrio, Senhora, á pouco

que deo palavra a seu Pai

do seu Hymineo: e logo

vai com Berenisse ao Templo

celebrar o seu consorcio:

(desta sorte a desperfuado

do seu projecto enganozo.)

*Asp.* Que oço, Sagrados Deuzes!

Ah não sei como não morro:

he possivel, que me seja  
tantas vezes aleivozo!

Como inda futtera a terra  
este vil de traçoens monstro!

Como o não suffocã o ar?

Como os Numens poderozos  
o não castigaõ severos

na prezença dos meus olhos!

*Cliarc.* Inuteis, Princeza, julgo  
tuas paixoens, e discorro,

que auzentar-te para Epiro  
te será mais decõro,

antes que o teu Real ser  
saibaõ os da Syria todos.

*Asp.* Primeiro quero mostrar-te  
o como me dezagrõto.

*Cliarc.* Vamos, que por minha conta  
o teu dezagravo tomo:

depois de deixar-te em Epiro,  
á Syria verás que torno,

e que tudo a fogo, e sangue  
estrago, destruo, e affolo.

*Asp.* A's minhas injurias quero  
o dezagravo mais prompto.

*Cliarc.* Pois que queres? Dize, Aspacia,

*Asp.* A Demetrio quero morro,  
antes que com meu ludibrio  
celebre o seu despozerio.

*Cliarc.* Descança; não sô Demetrio

perecerá aos teus olhos,  
mas também o mesmo Pai,  
Berenisse, e em fim todos,  
que ao Templo o acompanharem  
serão da morte despojo.

*Asp.* Essa vingança dezejo,  
para remir meu decôro.

*Clíarc.* Senhora, para vingar-te  
verás a quanto me exponho;  
pois de estímulo me serve  
o affecto, com que te adoro.

*Asp.* Que dizes? Tu adorar-me?

*Clíarc.* Mas, Senhora, o tempo he pouco;  
eu te expressarei a origem  
do meu affecto amorozô:  
agora só em vingar-te  
cuido, Senhora. *Asp.* Mas como?

*Clíarc.* Metrane, de quem se fia  
o Rei Alexandre, he nosso  
nacional, e quer vingar  
teu offendido decôro,  
e já tem da sua parte  
hum sequito numerozo:  
quando estiverem no Templo  
celebrando os ritos, fogo  
se lançará tão activo,  
que com infeliz destrôço  
sem se livrarem do incendio,  
abrazados caiaõ mortos.

*Asp.* Tão excessiva vingança  
eu, Clíarco, não approvo;  
pois só com Demetrio extincto  
satisfazia o meu odio.

*Clíarc.* Todos, Senhora, te offendem.

*Asp.* Pois, Clíarco, morraõ todos.

*Clíarc.* E depois do dezaggravo  
ferei, Senhora, ditozo?

*Asp.* Servi grata aos teus affectos,  
se minha vingança logro.

*Demetrio ao bastidor.*

*Dem.* Dezengane-se meu Pai  
bem a pezar do seu gosto:  
mas Aspacia com Clíarco!

Ah, que em zelos me soffoco.

*Clíarc.* Com que gloria, excelsa Aspacia,

ao teu empenho me artojo?  
pois de tua mão o premio  
estímulo he poderozo.

*Dem.* Ha mais tiranna perfidia?  
Como a vingança supporto!  
morre, morre fementido.

*Do investir a Clíarco com a espada na mão,  
sabe Alexandre da parte contraria, e  
suspende a Demetrio.*

*Alex.* Que fazes Demetrio?

*Dem.* Oh, encontro!

*á parte*

*Alex.* Demetrio, que impeto he este?  
Responde; ficas aborto!

*Dem.* Que direi; deixa-me Pai,  
castigar este orgulhozo.

*Alex.* Porque?

*Dem.* Sei que na Embaixada  
falou petulante, e louco;  
e assim quero-lhe ensinar  
como se respeita hum Throno.

*Alex.* Tens, Demetrio, outro motivo?

*Dem.* Ainda, Senhor, queres outro?

*Alex.* Dessa audacia, na resposta,  
o castigo teve prompto;  
guarda, Demetrio, o valor  
para empenhos mais honrozos.

*Dem.* Adverte, que se outra vez  
ao lado a espada deponho  
sem o fangue do contrario,  
que não fico decôrozo.

*Alex.* He o que succede a quem  
obra sem acôrdo, e louco. *á p. a Demetrio.*

*Dem.* Eu te obedeco, Senhor;  
oh vingança, espera hum pouco! *á p. em*

*Asp.* Como se sentio o ingrato, *(bainha)*  
de que o seu escandolozo  
delicto fosse patente. *á parte*

*Clíarc.* Inviçto Alexandre, pouco  
credito em teu Reino tem  
de Embaixador o decôro,  
e se me faz mui sensível  
para tolerar oprobrios,  
ter de Real descendencia  
nascimento magottozo.

*Alex.* Mal pôde servir de injuria,  
antes te dá mais abono,  
ver que hum filho de Alexandre  
quizesse com pouco acordo  
medir a espada contigo.

*Clíarc.* Também nasci de Real Tronco.

*Alex.* Basta: já podes partir;  
examinei cautelozo  
o negocio do teu Rei,  
que por ti me foi proposto:  
podes dizer-lhe, que tudo  
he engano cavilozo;  
senão se satisfazer,  
do que attento lhe respondo,  
para outras satisfaçoens  
exercitos tenho promptos.

*Clíarc.* Pois, Senhor, essa resposta  
lhe darei. Tu verás logo,

que para a satisfação  
he bastante o meu esforço. *d. p. e vai-se.*

*Asp.* Ainda para mim olhando  
está com irado rosto. *d part.*

*Alex.* Demetrio: filho, he preciso  
obrar mais prudente, e douto;  
não tira hum Príncipe a espada  
para motivo tão pouco:  
de outra sorte se castigaõ  
n'hum Corte os orgulhozos,  
e só nos campos de Marte  
hum Príncipe com decõr  
empunha as armas, mostrando  
que sabe ser valerozo.

*Dem.* Não me deixou a vingança  
tão livre a razão do acordo.

*Alex.* Bem está, filho, com os annos  
vem a prudencia; gostoõ  
da tua resolução  
me vejo: Demetrio, logo  
de Hymineo ao Templo iremos;  
concluir o teu consorcio.

*Dem.* As minhas Nupcias agora  
as aceito com mais gosto;  
pois na excelsa Berenisse  
dignos meritos encontro.  
veja a ingrata que o perdela

me não cauza algum desgosto.

*d part.*

*Asp.* Primeiro veras a morte,  
que cumprido o despozorio.

*d part.*

*Dem.* Vamos, pois que na demora  
minha esperança málogro.

*Alex.* Vamos, que o teu Hymineo  
para meu descanso he todo;  
pois os meus dezejõs cumpro,  
e a minha palavra abono.

*Vai-se.*

*Asp.* O Ceo he justo, e costuma  
castigar os alevozos.

*Dem.* Se o Ceo pure alevozias,  
o teu castigo esta prompto.

*Asp.* A minha razão ingrato ...

*Dem.* Satisfaçoens te não ouço:  
indigna, só de te ver  
me encho de horror, e assombro.

*Asp.* Ah mais barbara perfidia!  
depois de tão impio doo  
ainda este traidor me insulta:  
Incentivo do meu odio ...

*Dem.* Como distarça a tiranna! *d part.*

*Asp.* Como finge o alevozo!

*Dem.* Vai-te da minha presença.

*Asp.* Aparta-te dos meus olhos.

*Dem.* Os Numens de ti me vingem,  
de falsidades vil monstro.

*Vai-se.*

*Asp.* Elles na minha presença  
te dem castigo penozo.

*Vai-se.*

*Sabe Tacaõ, e Tareco.*

*Tac.* Venha ca, senhor rapaz,  
ajustemos certas contas.

*Tar.* Eu doas por ajustadas.

*Tac.* Ha de lhe tirar a prova.

Quem sou eu? Diga maroto?

Sou brejeiro, e mariola?

*Tar.* Dizia-me minha Mãi,

antes que estivesse morta,

que V. m., meu Pai, era,

e eu seu filho. *Tac.* Essa he boa,

pois ella que lho dizia,

sabia a verdade toda:

pergunto mais, e que deve

fazer o Pai a hum patola,

Cu

de

de hum filho dezobediente ,  
sem creação , brio , ou honra ,  
que descomponha seu Pai ?

Ande maroto , responda .

Tar. Com licença , logo venho ,  
tenho que fazer lá fóra . *Em acto de partir .*

Tac. Ande para alli , cuidava  
que valia a escapatoria :

Diga , patife , velhaco ,  
que lhe importa aquella moſſa ?

Tar. Qual moſſa ? Tac. Oh patifão ,  
faz-se-me agora de novas ?

A que lhe dou por Madraſta ,  
para que me tenha conta  
em voſe , e a todo o instante  
com hum pau o corpo lhe moa .

Dê ca a mão . Tar. E para que ?

Tac. Eu to direi logo , mostra .

Tar. Meu Pai , quer cazar comigo ?  
Pois ſão mui galantes vodas ! *a parte .*

Tac. Anda caô , que hei de rachar-te  
as mãos com a palmatoria . *Tira a palma-*

Tar. Ai minha mão , baſta , baſta , *( toria .*  
eu não lhe hei de fazer outra .

Tac. Eú ainda lhe não toquei ,  
voçê inandráo já chora ?

Huma . Tar. Ai ! Tac. Duas . Tar. Ai , ai !

Tac. Tres , e quatro ; venha a outra .

Tar. Senhor Pai , tenho perdaô .

Tac. Guarde-o lá para a eſcolla ;  
de-me ca a mão , ſenaô olhe ,  
que o hei de fazer em poſtas ;  
mal procedido , magano ,  
dezenquietando-me as moſſas ?

Tar. Sua mercê não faz o meſmo  
ſendo hum velho ? Tac. Cale a boca ;  
não me dá a mão por bem ?  
Pois toma-la hei por força .  
Humã , duas . Tar. Ai , ai !

*Sabe Melindre .*

Mel. Ha maior pouca vergonha !  
Dando em hum filho barbado !

Largue já a palmatoria . *Tira-lhe a palma-*

Tac. Deixê ſenhora Melindre . *( toria .*

vaſſe daquí para fóra ,  
quero enſinar hum maroto  
de hum filho , que me deshonra .

Mel. Pois que lhe fez o menino ?

Tar. Senhora Melindre , oiça .

Tac. Cale eſſa boca , atrevido .

Mel. Diga , diga . Tac. O mariola ,  
ſe diſſer huma palavra ,  
ha de ſer feito em açorda .

Mel. Quer que arrebente a creança  
por falar ? He boa historia !

Diga : o que fez a ſeu Pai ?

Ora não chore , responda .

Tar. Entende que voſſa mercê  
pertende ſer minha noiva .

Mel. Pois por iſſo he que lhe deo ?

São aſnos de toda a conta :

mas hei de pregar-lhe hum mono ,  
com que mais ſerva a taponã . *a parte*

Olhe , eu ſempre hei de ſer  
de hum de voſſas mercês eſpoza ,

Tac. Pois tambem ha de ſer delle ?

Mel. Senhor Tacaô , cale , e oiça :  
cada hum de ſuas mercês  
me cativa , e me namora .

Tac. Logo quer cazar com ambos ?

Mel. Não ſe calará patola !

Tar. Cale eſſa boca , Paizinho ,  
deixe falar a ſenhora :  
ſale ſenhora Madraſta .

Tac. Proſiga ſenhora noiva .

Mel. Vocês ſão mui pobrezinhos ,  
eu fui criada com pompa ,  
e nenhum me pôde dar  
veſtidos , e dices , e joias ,  
de que a minha gentileza  
ſe eſtá fazendo credora :  
olhe , ſei humas palavras  
magicas , encantadoras ,  
que em aqui ſe dizendo  
veráo que dentro de huma hora  
vem pelos ares abaixo ,  
de dinheiro grandes ſommas ,  
e do que mais apanhar ,  
he que eu quero ſer Eſpoza .

Tac

**Tac.** Bello; vámos já a ellas,  
que as palavras serão boas.

**Tar.** Se eu apanhar mais dinheiro,  
fico rico, e teho noiva.

**Mel.** Pois emtaõ vamos a ellas.

**Ambos.** Vámos já, já sem demora.

**Mel.** Mas olhem que estas palavras,  
tem tanta virtude, e força,  
que em eu as pronunciando  
fico cegos na mesma hora.

**Ambos.** Fóra, vá dizelaõ ao diacho.

**Tar.** Apre, que me logra a moſta.

**Mel.** Espere. **Tac.** Eu, cego, huma figa.

**Mel.** Venha cá. **Tar.** He corriolla.

**Mel.** Em eu lhe tapando os olhos,  
a ambos com muita força,  
naõ tem perigo, e ficoõ ricos.

**Ambos.** Isto agora he outra couza.

**Tac.** Va-me já tapando os olhos.

**Mel.** Esteja quieto, naõ se mova.

**Tac.** Aqui para o pé de mim  
faze cahir muitas dobras.

**Mel.** Agora vamos ao outro.

**Tar.** Oh minha rica cachorra!

Faze que eu apanhe mais,  
que te hei de dar huma coiza.

**Mel.** Bellos: estaõ a meu goſto;  
saõ dois Cupidos da moda:

ora pois tomem sentido,  
porque em eu dizendo todas  
as palavras, he preciso  
ir-me logo para fóra,

pois naõ vale a bruxaria  
estando eu aqui. **Tac.** Mas tomas?

**Mel.** Caia já por esses ares  
dinheiro com tanta força,  
que logo aqui as cabeças  
abra destes dois patolas.

**Tar.** Irra; ai minha cabeça!

**Tac.** Naõ quero, ai minha caxolla! **Tiraõ os**

**Mel.** Esperem pedaços de asnos, **(lenços.**

que já vinhaõ dez arrobas  
de dinheiro. **Tac.** He bem asna!

E se me dessem na bolla,  
naõ me punhaõ pelos caſcos

logo os miolos á moſtra?

**Tar.** Queria quebrar-me os testos?

Irra que você he tolla.

**Mel.** Ora pois tapem os olhos,  
que farei sem cerimonia,  
que lhe naõ toque o dinheiro.

**Amb.** Isto agora he outra couza. **Tapaõ os**

**Tar.** Estou vendado **Tac.** E eu vendado. **(Colhos**

**Mel.** Essas Esferas se rompaõ  
por arte magica, e já  
rios de dinheiro chovaõ.

Agora lho prego o meno.

cu tiro daqui esta bolsa  
de dinheiro, e tino com ella,  
para enganar estes drogás.

**Tac.** Agora cahio hum conto.

**Tar.** Senaõ he conto, he historia.

**Tac.** Huma besta carregada  
levo de dinheiro agora.

**Tar.** Quem me dera aqui hum ſaco  
para o atacar bem de dobrás.

**Tac.** Ahi cahio hum milhaõ.

**Tar.** Que! Hum milhaõ? Maior somma.

**Mel.** Espere que ahi te vai  
hum bom dobraõ pela bola. **Dá com hum**  
**pau hum carolo em Tacãõ, e deixa ca**  
**hir a bolsa.**

**Tac.** Irra, irra! Este dobraõ  
peza mais de meia arroba.

**Mel.** Pois ao outro faço o mesmo. **á parti**

**Tar.** Ai, ai, a minha cacholla,  
que lhe pregou hum dobraõ  
tamanho, que ficou torta.

**Mel.** Aturem por despedida  
mais estas duas taponas. **Dá em ambos,**

**Tac.** Basta, basta de dinheiro, **(Vai-se**  
que tenho os miolos fóra.

**Tar.** Fu fico riso; porém  
a cabeça fica torta.

**Tac.** Se me cahe mais hum milhaõ  
fico com a calva rota:  
oh filho, já vai passando  
atovoadada das dobrás?

**Tar.** Sim, mas a minha cabeça  
destas riquezas naõ goſta.

*Tac.* Também por lá te chegou algum dobrão pela bolla?

*Tac.* Mas quero lustrar o velho, vou sacando o lenço fora, para apanhar mais dinheiro.

*Tac.* Agora lha prego boa, faço primeiro o meu lenço, e apanho as moedas todas. *a p. e tirad os*

*Tac.* Ponha alli o meu quinhaõ *(lenço, e*

*Tac.* Da-me ca o que me toca. *(buzão o di-*

*Tac.* Sua mercê apanhou tolo. *(nheiro.*

*Tac.* Mente, mente, mariola; você tem todo o dinheiro, ajufte-me, a minha conta.

*Tac.* O meu quinhaõ senão grito; logo para alli mo ponha.

*Tac.* Desta forte he que lho dou. *Dá-lhe.*

*Tac.* Ai que me ferrou as dobrás. *Vão-cç.*

## SCENA II.

*Arco* éo entrada para o Templo, em que se verá a Ara do Hymineo, e ao som de instrumentos vem sabindo o acompanhamento Real, e depois Alexandre, Demetrio, Decio, e Berenisse.

*Alex.* **D**E tanta ventura as graças demos ao Sacro Hymineo; pois preponderando os meus dias verifica os meus desejos. *Entra no Templo.*

*Dem.* Vamos Esposa adorada, que deste vinculo estreito todas as felicidades só eu obzequiar devo: (despreze-se aquella ingrata apezar do meu tormento.) *Entra no Templo.*

*Ber.* Oh quanto sou venturoza, se senão finge Demetrio!

*Dec.* Como te glorieias falsa! *Para Berenisse.*

*Ber.* Como? Enloqueceste, Decio? *Vai para*

*Dec.* Dizes bem, que só hum louço *(o Templo,* poderá ter soffimento para na sua presença ver de outrem o charo obzequio. *Vai para o Templo.*

*Sabe Aspacia do Templo.*

*Asp.* Agora verás, tiranno,

da minha vingança o effeito verás, prejuró, verás o castigo de teus erros; por varias partes occulto fogo puzemos ao Templo: em tomando força as chamas verei em poucos momentos, que se reduzera a cinzas todos quantos estão dentro: a deshumanidade me obrigaste; impio Demetrio! Mas ai de mim! Que remorsos são estes, que no meu peito da minha ruina prestagos me accuzão do crime horrendo? Que barbaro coração he o meu? Que teve alento para te fazer sequaz do delicto mais preverso?

Oh Deuzes, morre o meu bem, a impulsos de hum rigor cego? Ah, que para mais desgraça vem tarde o arrependimento,

*Sabe Cliarco do Templo.*

*Cliarco.* Já, Senhora, estás vingada, vamos, não nos demoremos; fora dos muros da Corte, as minhas esquadras tenho, e se presumir alguém, que nós fomos o instrumento, de tão aspera vingança, com ellas nós defendemos. Agora estás pensativa?

*Asp.* Deixa-me inhumano, fero, *Cliarco.* Que dizes, Senhora? *Asp.* Vai-te, barbaro sanguinolento.

*Cliarco.* Eu me confundo, Priceza, desse teu variavel genio: não me pedias ha pouco vingança com tanto excéssio?

*Asp.* Só vingança contra ti deshumano pedir devo; pois foste a primeira cauza dos martirios, que padeço:

vaite logo, traidor; antes  
que o teu insulto perverso  
te faça provar tambem  
da cruel morte, que espero.

*Cliarc.* Assim me insultas, Aspacia?  
Não deste consentimento  
para a vingança? Não he  
dezaggravar teu respeito?  
Pois logo de que te queixas?

*Asp.* De ti, barbaro, me queixo;  
porque me ensinaste a obrar  
hum castigo tão violento.

*Cliarc.* Foge, Senhora, que as chammas  
já se devizaõ no Templo. *Incendio no Templo.*

*Dentre.* Fugamos todos que arde o Templo.

*Cliarc.* O teu estrago funesto  
na demora esperar queres?

*Asp.* Que me deixes só, te peço;  
vê que se mais me incitares,  
traidor, que com este ferro *Empunha.*  
vingando as minhas offensas,  
te atravessarei o peito.

*Cliarc.* Pois bem: não queres, Princeza,  
acompanhar-me? Eu me auzento,  
a teu Pai hirei dizer  
teus injustos dezacertos. *Vai-se.*

*Asp.* Vaite, aleivozo; ai de mim,  
que farei? Deuzes Supremos,  
e para que quero em vida  
se não vive o meu Demetrio!

*Sabe Alexandre, e Decio, trazendo pela mão  
Berenisse.*

*Dec.* Princeza, amada Senhora,  
o nosso destino adverso  
á Syria nos trouxe; e onde  
tantas desventuras vemos.

*Alex.* Que desventura he a minha!  
Nunes, em que vos offendo  
para tanto castigar-me  
com desuzados tormentos?  
Mas onde está o meu filho?  
Todos se livraõ do incendio.  
Demetrio não apparece,  
onde estará, dize, Decio?

*Dec.* Senhor, Demetrio já livre-  
vinha sahindo do Templo,  
porém como te não vio,  
por ti gritou; e temendo,  
que ficasses no perigo  
retrocedeu para dentro:  
voltei para elle, e vi,  
que cahio junto do incendio.

*Alex.* Ah meu filho!

*Asp.* Ah, que desgraça!

*Alex.* Deuzes, vou a soccorrello. *Quer partir.*

*Asp.* Espera, não te aventuras,  
pois a vida de Demetrio,  
tanto cuidado me custa,  
como ao teu amor Paterno. *Vai para o*

*Alex.* Que destemido valor! *(Templo.)*

*Ber.* Ai de mim, eu desfalleço:  
Demetrio no estrago! Como  
me não mata o sentimento? *Chora.*

*Dec.* Não chores, que ainda com vida  
estara. *Ber.* Deixa-me, Decio,  
que talvez que a minha sorte  
para me dar mais tormento,  
quizesse que a sua falta  
cu padecesse primeiro:  
ah meu suspirado Espozo!

*Alex.* Ah meu filho, se te perco,  
para mim se acabou o mundo;  
porque viver mais não quero.

*Sabe Aspacia trazendo a Demetrio pela mão.*

*Asp.* Aqui tens livre teu filho.

*Dem.* Meu Pai. *Alex.* Amado Demetrio?

*Dem.* Querer salvar a tua vida,  
me poz, meu Pai, no extremo  
de perder a minha; pois  
como te não vi izento  
das chammas; a soccorrer-te  
fui com filial desvello,  
cahi, e fiquei da queda  
sem sentidos, nem alentos.

*Ber.* Charo Espozo, a tua vida  
salvaraõ os Ceos Supremos;  
póde ser que conduzidos  
dos meus martirios violentos.

*Dem.* Bem sei, Berenisse amada,  
o quanto a teu amor devo.

*Asp.* Ainda o falso senão cança  
de atormentar-me com zelos!

*Dec.* Alexandre, cuida em ti,  
que eu grande traição receio:  
não julges que foi acazo  
está ruína, que vemos,  
pondera que em varias partes  
se observou ao mesmo tempo

atcar as lavaredas,  
e por infalível tenho,  
que por alguns conjurados  
foi o fogo posto ao Templo.

*Alex.* O mesmo que tu discorres,  
discorre o meu pensamento;  
brevemente observarei

se foi tração, como entendo:  
e tu, Nicandro animozo,  
podes estar muito certo,  
ques por minha conta fica  
o teu merecido premio.

*Asp.* Não quero premio maior,  
do que a vida de Demetrio.

*Dem.* Quem pôdera comprehendêr  
a falla, e inconstante: eu creio,  
que maquinou a traição  
para matar-me: mas tendo  
depois compaixão de mim,  
me foi libertar do incendio.

*a part.*

*Alex.* Vamos, vamos, a Palacio  
filho, Berenisse, Decio:

oh tende huma vez de mim  
compaixão, Numaes Supremos!

*Vai-se.*

*Dec.* Vamos, Prima, que disgozdos  
maiores inda receio.

*Vai-se.*

*Ber.* Venhaõ, venhaõ desventuras,  
armadas contra meu peito,  
todas quantas a fortuna  
inventar para tormentos,  
que eu ornada de constancia  
a rezistir-lhe me empenho,  
seja o meu amado Espozo  
firme, que mais nada temo.

*Vai-se.*

*Asp.* Espéra, attende-me; objecto

foi para ti, deshumano,  
de tanto aborrecimento,  
que sem me falar te apara?

Dize-me ingrato, oh Ceos!

São estes os doces mimos  
daquelle agradável genio,  
com que a meu amor rendido  
te mostravas algum tempo:

Quem me roubou teus agrados  
dize, titanno Demetrio?

*Dem.* Sabes quem, prejura, ingrata?

O teu aleivozo peito:

deixa-me, vai-te da Syria:

pondera que já não tenho  
constancia para soffrer

teus abominaveis erros.

*Retirando-se.*

*Asp.* Ouve-me por compaixão.

*Dem.* Que queres, coração fero?

Julgas, que não sei tiranna,

que esse lastimozo incendio

perigozo a tantas vidas

foi do teu rigor effeito?

Ah, que só de imaginar

tua crueldade, tremo:

oh quanto de ver-te, e amar-te

me injurio, e me aborreço.

*Asp.* De querer-me te injurias?

Quem dissera fado adverso,

que tanto amor se trocara

em tanto aborrecimento:

e que, em fim, degenerassem

em injurias os obzequios:

mas, Senhor, por despedida  
ouve-me hum pouco ao menos.

*Dem.* Já disse que te auzentasses.

*Asp.* Ora attende-me hum momento.

*Dem.* Fala, e pondera que he esta  
a ultima vez, que te attendo.

*Asp.* Oh rigorosa sentença!

Mas a tua lei aceeito;

nunca mais verás Aspacia?

*Dem.* Oh ternuras, suspendei-vos,

quanto mais quero vencer-nae,

emtaõ o consigo menos.

Inda não falas?

*Asp.* Piedade,

*a part.*

Princi-

Príncipe invicto, te peço:

*Dem.* A piedade, que maresces,  
traidora, bem a comprehendo:  
mas fuge não te demores,  
antes que o teu crime feio  
saiba meu Pai, pois talvez,  
que vieses do teu Reino,  
para padecer em Syria  
o teu castigo funesto.

Tu fostes com o teu Clirco  
da vil traição o instrumento:  
tu lhe prometeste a mão  
de Esposa. *Asp.* Sim, não to nego,  
porque me não descobrisse  
uzei desse fingimento.

Senhor, eu fui a culpada,  
o meu delicto confesso,  
cegou-me a dor de perder-te,  
enoqueci do tormento,  
e quem obra como louca,  
quanto faz são dezacertos;  
arrependi-me, foi tarde,  
mas não tão tarde, Demetrio,  
que não fossem estes braços,  
que, sustentando-te em pezo,  
por entre as vorazes chamas,  
te arrebataraõ do incendio:  
já te não peço, Senhor,  
que me cumpras os proteitos  
de Esposa, só te supplico,  
que perdoes os meus erros;  
dá a Berenisse a mão,  
de teu Pai cumpre os preceitos,  
por dilatadas idades  
goza tranquillo o teu Reino,  
que eu retirando-me afflicta  
ao mais agreste desterro,  
focada no meu pranto  
perderei o ultimo alento:  
Príncipe, a deos.

*Partindo.*

*Dem.* Não: espera.

*Asp.* Deixa-me auzentar, conheço  
que a minha presença pôde  
fazer teu amor funesto:  
a deos.

*Partindo.*

*Dem.* Detem-te, Princesa,  
oh Deuzes! Eu desfaleço.

*Sabe Arbace, e Soldados.*

*Arb.* Nicandro, da-te a prezaõ do  
*Asp.* Chegou-me o final extremo.

*Dem.* Arbace, porque razão  
se manda Nicandro prezo?

*Arb.* Hum dos conjurados foi,  
que puzeraõ fogo ao Templo;  
a morte que aos mais buscava,  
foi o que a sentio primeiro,  
entregando alguns sequazes,  
exalando o ultimo alento,  
dos quaes Nicandro, e Clirco  
saõ os principaes objectos.

*Dem.* Mal podia ser Nicandro  
Author do delicto fero,  
fendo quem me defendeo  
das chamas.

*Arb.* ElRei prendelo  
me mandou; e em cumprir  
faço, Principe, o que devo.  
Soldados levaio a torre,  
em quanto eu aos mais reos prendo. *Vai-se.*

*Dem.* Ceos, como posso livrala  
do rigor de hum Pai severo?

*Asp.* Tu bem julgaste ser esta  
a ultima vez de nos vermos:  
a deos; eu parto a morrer,  
e por despedida quero  
do teu valor huma prova,  
se julgas que ta mereço.

*Dem.* Sim, chára Aspacia, ou morrer  
ou defender-te, prometto.

*Asp.* Ah meu bem, como he contrario  
o teu do meu pensamento;  
que não irrites teu Pai  
he fõmente o que te peço;  
por não trocar contra ti  
em odio o amor paterno:  
eu morro, e no final golpe  
quero ter o refrigerio  
de que ficas com descânço,  
e gozando o teu Imperio:

eu não nasci para ti ;  
e como os laços do affecto  
eraõ para gloria minha ,  
mal podião ter effeito.

*Dem.* Como de afflicção não morro ?

Sou infensivel rochedo ;  
mas he que da ancia o costume  
me tem de marmore feito :  
mas ou Aspacia defenda ,  
ou morra o infeliz Demetrio.

*Asp.* Não he isso que te rogo.

*Dem.* Mas he o que comprar devo.

*Asp.* Não , Principe , que o teu damno  
me dará maior tormento.

*Dem.* Não , não me atormentes mais  
com esses teus rogos ternos ,  
obre cada hum de nós ,  
como lhe instar seu affecto.

*Asp.* Eu , meu bem , morrer por ti.

*Dem.* Amada , eu fazer o mesmo.

*Ambos.* Ou quem poderá acabar  
sem ver o teu fado adverso.

*Vão-se.*

### S C E N A III.

*Salla Regia: Decio , e Berenise.*

*Dec.* V Amo-nos daqui Princeza :  
que mais esperas na Syria :

Tudo quanto vemos são  
ingraticosens , e perfidias :  
os Vassallos são rebeldes ,  
o Principe não te estima ,  
e julgo que teve o incendio  
circunstancias exquizitas ,  
talvez para embaraçar ,  
que as tuas nupcias configas.

*Ber.* Se ha traidores invejosos  
da felicidade minha ,  
cumplice não he Demetrio  
da tirana aleivozia.

*Dec.* Como te engana esse amor ?

Muito em Demetrio confias ,  
e elle taõ mal te paga ,  
que o teu conforcio abomina.

*Ber.* E tu , Decio , porque q sabes ?

*Dec.* Pois não queres que isto infra  
dos repudios , com que ingrato  
te maltratou , na ouzadia ,  
com que offendeo a seu Pai ,  
escuzando com ignominia  
o teu conforcio ?

*Ber.* Emmudece.

*Dec.* Julgas que te engano , Prima ?

*Ber.* Não , bem sei ; tudo he verdade ;  
mas não quero que mo digas ,  
pois como firme o idolatro ,  
o peito me martyriza ,  
lembra-me que não compensa  
humã fé taõ pura , e fina.

*Dec.* Ah cruel ! Só meus suspiros  
nunca obtiverão a dita  
de alcançar do teu amor  
a mais pequena reliquia !

Sempre de infensivel pedra  
foste para as ancias minhas.

*Ber.* Julguei que emendado estavas  
desta importuna porfia :  
de novo a enloquecer tornas ?

*Dec.* Comigo te enfadas impia ?

*Ber.* Se queres que não me enfade ,  
dos meus olhos te retira.

*Dec.* Ah ingra ! Amor me vingue  
destas tuas tirannias.

*Sabe Alexandre.*

*Alex.* Principes , os Ccos benignos  
descobrirão a maligna  
conjuracão , e já prezos  
estão alguns da perfidia.

*Ber.* Ah , que esta infame traicão  
nos estorvou tanta dita.

*Sabe Arbace.*

*Arb.* Senhor , do traidor Cliarco ,  
não posso encontrar noticias ;  
os mais , que preendi , me dizem  
que elle , e Nicandro induzirão  
a todós para a traicão.

*Alex.* Mas Nicandro expoz a vida  
por salvar a de meu filho :

como o côntario faria?

Só se para desculpar-se da traição, em que cahira, quizesse encobrir com hum merito huma aleivozia.

*Arb.* Senhor, Nicandro he pessoa mais nobre, do que imaginas: isto digo, porque vi, que elle com soberania tratava o Embaixador.

*Alex.* Venha o falso á minha vista, seja quem for; pagará o delicto com a vida.

*Arb.* Vou, Senhor, a conduzi-lo. *Vai-se.*

*Alex.* Não sei o que alma advinha, que em presagiosos sustos o pensamento vacilla. *á part.*

*Ber.* Senhor, aonde está Demetrio?

Eu temo que a rebeldia dos teus infieis Vassallos busquem a sua ruina; só nelle tenho cuidado. *á part.*

*Dec.* Como a ingrata se lastima. *á part.*

*Alex.* Demetrio está em Palacio.

*Dec.* Muito o ama esta inimiga.

*Sabe Aspacia com cadêas, entre guardas, e Arbace.*

*Asp.* Ai de mim! Mais me affusta esta prezêça, que á execuçãõ tiranna da sentença. *á part.*

*Alex.* Tu infiel Nicandro?

*Asp.* Oh Ceos! Que horrores! *á part.*

*Alex.* Que monstro te inspirou tão viz rigores?

*Asp.* Que direi; elle sabe o meu delicto:

oh, tormento infinito! *á parte.*

*Alex.* Não respôdes traidor, não tens desculpa?

*Ber.* De côr muda o cruel; he certa a culpa.

*Asp.* Ah inhumana! O ver-te me insta a furia:

tu a origem só es da minha injuria. *á part.*

*Dec.* (Que compaixãõ me faz sua tenra idade!)

*Alex.* Emmudeceu-te a vil atrocidade?

Que fizeste, sacrilego inhumano,

contra mim, contra o Nume Soberano?

Dize lowco!

*Asp.* Não tenho; que dizer-te.

*Alex.* Pois infano, cruel, o sangue vértio em desaggravo do Sagrado Templo, e fervirás aos barbaros de exemplo,

*Ber.* Dos Deuzes offendeste o sacro culto;

*Asp.* Já que tanto me incitas, desse insulto digo que es a culpada.

*Alex.* Enlouqueceste?

*Dec.* Que dizes infiel?

*Ber.* Que vil he este?

*Asp.* Do Rei do Epiro, sou nobre Vassallo, e quiz, como leal, desaggravallo:

Demetrio nesta Corte sua filha tem; que fer o seu consorte procura com disvellos:

(abraze-se a rival tambem com zelos:)

tu lhe impedes o laço prometido, com razãõ o meu Rei vive offendido, e quem, como eu, tem sangue sublimado seu Monarca desquica, ou morre honrado.

*Ber.* Ah tiranno Demetrio! Eu desfaleço:

em odio se converta o meu excéssio;

em odio o mais cruel, qual cahir deve

num coraçãõ, que a tal dezar se atreve.

*Dec.* Que aleivozia! *á parte.*

*Alex.* E tiveste tão perfida ouzadia.

*Asp.* Desaggravar intentei com fortaleza a Patria, o Rei, o credito, a Princeza.

*Dec.* E por honrada tens açcaõ infame?

*Asp.* Talvez que por heroica, o múdo a aclame.

*Alex.* He heroica, traidor, a falsidade.

*Asp.* Ainda te não jurei fidelidade:

ser leal ao meu Rei he o que me agrada,

e por elle ser réo he culpa honrada.

*Alex.* Mas será vil a pena do teu crime.

*Asp.* Seja embora, que a culpa he mais sublime.

*Alex.* Oh lá, levai daqui este insolente

a hum supplicio, onde morra cruelmente.

*Asp.* Morrer quero.

*Alex.* Tirai-mo da presença.

*Sabe Demetrio apressado.*

*Dem.* Suspende, oh Pai, a barbara sentença.

*Alex.* Que intentas aleivozo?

vens buscar teu castigo rigorozo?

*Dem.* Attende-me; Senhor.

*Alex.* Vai-te, inimigo.

*Dem.* Mata-me, porém ouve o que te digo.

*Alex.* Ah! Senão eramudeces,  
Sentirás o castigo, que mereces.

*Asp.* Com piedozo effeito

Demetrio me descobre, e o meu respeito  
deixa mais intultado. *á part.*

*Dem.* Tem compaixão de mim, oh Pai amado.

*Alex.* De compaixão indigno te fizeste.

*Ber.* O traidor q' idolatro, oh Ceos, he este. *á p.*

*Asp.* Que tranze lastimozo. *á part.*

*Dem.* Senão revogas Pai, terno, e piedozo

a sentença infeliz, que pronunciaſte,

vê que matas hum filho, que geraste:

para Nicandro peço o teu socorro,

pois se Nicandro morre; eu tambem morro.

*Alex.* Que perfidias são estas, que rigores?  
O olho parcial de via traidores?

*Dem.* Perdoa-lhe, Senhor, por piedade,  
ou mata-me tambem com crueldade.

*Alex.* Se te não emendares,  
mui perto estás do mesmo experimentares:

guardas, levai ja, como esta dito,

esse infame, onde pague o seu delicto.

*Dem.* A hyra infeliz Princeza queres morta?

*Alex.* Que dizes! *Ber.* Oh Ceos! Que oíço!

*Asp.* Estou morrendo.

*Alex.* Pois, Demetrio, que horror? Que crime  
horrendo?

*Asp.* Valci-me Ceo clemente!

*Dem.* Sim, charo Pai, Aspacia tens presente,  
vê o mizero estado,

em que teu filho a poz: tem do seu fado  
compaixão, e poem nella sem vehemencia

os olhos de ternura, e de clemencia.

*Alex.* De Princeza perdeo o Regio indulto;  
pagará com a vida o seu insulto.

*Dem.* Não, meu Pai, nesse insulto sou culpado,  
ella seja absovida; eu castigado.

*Asp.* Porque ha de castigar-re?

tu na minha vingança não tens parte,

eu quiz dea gravar a minha offença,

execute-se em mim tua sentença.

*Dem.* Oh não; não se execute o duro effeito  
em hum debil, e feminil, e regio peito,  
que adorei, e que adoro fino amante,  
e por elle morrer quero constante:  
pois bem merece, que obre desta sorte,  
quem por mim entregou-se quiz á morte.

*Asp.* Já me falta a constancia:

oh amor, oh Demetrio, oh crueldancia! *á p.*

*Ber.* Que assim veja offedido o meu respeito  
*á parte.*

*Dem.* Não te abradas, senhor, tens de aço o pei

*Alex.* Oh quanto me he sensível, (to  
de Rei, e Pai acção incompativel,  
quero ter compaixão; mas he devido  
o ser mais do que Pai, Rei offendido.

*Ber.* Impaciente, Senhor, já estou vendo,  
sem attendir se quer ao meu decôro;  
a tua compaixão já sinto, e ignoro:  
e culpas injutiozas não tolero.

*Alex.* E tu que queres mais?

*Ber.* Vingança quero.

*Alex.* Pois vingada ferás; hum pouco espera,  
oh ternura, ou rigor! *á part.*

*Asp.* Oh cruel fera! *á part.*

*Dem.* Mostra, senhor, de Pai hú brando affecto.

*Alex.* Em mim já não tens Pai, tens juiz recto.

*Dem.* Que rigor he o teu?

*Alex.* Deixa-me, ingrato.

*Dem.* Ah, Princeza, se o teu coração grato  
me quizesse valer nesta crueldade, *para Ber.*  
pode ser me alcançasses piedade.

*Ber.* Que piedade? Hum castigo rigorozo  
só merece, quem he tão aleivozo.

*Dem.* Não te enternecê, Decio, o meu tormento.

*Dec.* Delle tenho, Demetrio, sentimento;  
se ha valimento em mim para contigo, *para*  
livra Aspacia do aspero castigo. *(Alex.)*

*Alex.* Não merece perdão, oh labeſinto!  
Eu sou o que condemnô, e a pena sinto. *á p.*

*Ber.* Que he justo, este perdão, jiti Dec. entedes?  
Mas suspende essa piedade, que me offedes,  
e nos agravos meus só conjectura.

*Dec.* Não tenho coração de pedra dura,  
piedade, a Princeza, o Rei, perdão, *para* *Alex.*

*Ber.*

er. Não perdoes, Senhor.  
em. Não te magoa a minha dor? *Páua Ber.*  
Não sejas tão severa!

sp. Ah, Demetrio, meu bem, deixa essa fera,  
deixa que o seu rigor se satisfaga,  
veja verter meu sangue, que a desgraça,  
que na morte me de maior desgosto

he deixar-te, Senhor, também exposto  
às iras de hum cruel Pai, que te castiga,  
e á vil accuzação dessa inimiga.

lex. Oh lá, guardas, levai-a.

em. Não a leveis, oh perfidos; deixai-a!

lex. Que fazes insolente?

em. Dezobedeço a hum Pai tão inclemente.  
sp. Não te perdas, meu bem, suspende a  
fúria,

tem de mim compaixão.

lex. Taó vil injúria

farei castigar.

em. Ah; Pai irado,

pondera que já estou desesperado,

a razão do acórdão está perdida,

de Aspacia quero a vida,

e se a ella lhe põens mais embaraços,

lhe farei as cadeas em pedaços.

sp. Demetrio, espera, basta já de exêssão  
deixa-me, em fim, morrer; vê que to  
peço,

tem compaixão de mim: isto te imploro  
por estas ternas lagrimas, que choró. *Chora.*

em. Não morrerás, em quanto a minha vida  
naõ ficar de hum Pai impio aos pés ren-  
da.

lex. Que dizes atrevido?

em. Que de dor estou souro enfurecido;  
que meu Pai não parecez, que es tiranno.

pois te não compadecees do meu damno,

que Aspacia não merece

da morte o vilipendio,

que innocente padece,

que eu fui, oh cruel Pai, autor do in-  
cendio,

que delicto bisfitei tão execrável

por fugir de hum consorcio abominavel

e se mais a tua ira a dor meapura,

farei. Que farei? Oh sorte dura!

Alex. Que taras de humano? Oh vil exêssão!

Dem. Nada, meu Pai; a morte só te peço.

Alex. A morte te darei; oh lá, boidados!

Asp. Que intentas cruel? Nunces Sagrados!

Sendo eu a culpada só de teus horrores.

Alex. Pois ambos morreréis como traidores.

Ponde a meu filho huma aspera cadea:

enganou-se a ideia

em de filho lhe dar o doce trato,

prendei em viz cadeas esse ingrato.

*Prendem os Soldados a Demetrio.*

Dem. Os braços aqui estão, moztros não temo.

Asp. Oh desgraçado extremo! *a parte.*

Alex. A's torres os levai.

Dem. Senhor, clemencia!

Fer. Não faças do castigo deziſtencia.

Alex. Morrerão os cruéis (oh mortal ancia!)

Asp. Ah, Demetrio, constancia:

veja o mundo, Senhor, que em mal tão forte  
dividir nosso amor só pode a morte!

Dem. Sim, meu bem; já que o golpe se re-  
parte,

saiba morrer por ti, quem soube amar-te.

Dec. (Que lastimozo amor; que triste scena!)

Alex. e Ber. Oh vingança! Oh rigos! Oh tu-  
ria! Oh pena!

Asp. Que desgraça cruel!

Dem. Oh que impiedade!

Asp. e Dem. Morrer quero por ti, venha a  
crueldade.

Asp. O castigo me dá.

Dem. Apreſta o corte!

Alex. Sim cruéis, fentireis tiranna morte.

Asp. Demetrio? ...

Dem. Aspacia ...

Asp. Amado?

Dem. Esposa chara.

Amb. Já contra nós a morte se prepara.

Asp. Mas eu com firme amor ...

Dem. E eu com fé pura ...

Amb. Te irei acompanhar na sepultura.

Alex. E eu por desagravar os Ceos Sagrados,

vos condemno a morrer (oh desgraçados.)  
*Asp.* Com Demetrio, Senhor, não ha piedade.  
*Alex.* Não a merece a sua atrocidade!  
*Dem.* Tem de Alpacia clemencia, oh sorte  
 impia!

*Ber.* Não a merece a sua afevozia.  
*Dec.* Oh tiranno rigor!  
*Asp. e Dem.* Cruel violencia!  
 Piedade não ha, não ha clemencia.  
*Todos.* Piedade não ha, não ha clemencia.

## ACTO III. SCENA I.

*Salla ordinaria: Sahe Tacaõ; e Melindre.*

*Mel.* Para que foge, meu bem?

*Tac.* Isso não he cá comigo.

*Mel.* Olhe que lhe quero muito.

*Tac.* Vá falar lá com meu filho.

*Mel.* Seu filho? Eu o arreneço,  
 só você he o meu feitiço;  
 com você hei de cazar,  
 tenho dito, e tenho dito.

*Tac.* Temos outra logração  
 como a do dinheiro?

*Mel.* Disso,

vocês tiverão a culpa,  
 pois ainda estava cahindo  
 dinheiro, e como tiraraõ  
 os lenços, tornou-se em cisco;  
 mas hoje que mostrar-lhe  
 (vá de logro) outro feitiço,  
 e verá tanto dinheiro,  
 que você ficará rico.

Olhe nesta mesma sala,  
 o espero a noite, meu brinco;  
 mas temo que venha alguém,  
 e nos ache aqui sozinho,  
 porém muito bom remedio,  
 venha de mulher vestido,  
 porque inda que venha alguém;  
 sendo Dama, não tem perigo.

*Tac.* Que! Eu de mulher?

*Mel.* Pois não:

e como estaras bonito!  
 olha, tu es muito airozo;

o corpo he delicadinho,

e vestido de mulher

parecerás hum feitiço:

ai que aligria que tenho,

e gosto só com o sentido

de dizer-te tres finezas,

em habito feminino!

Olha, poem cor, e sinais,

se queres os meus carinhos.

*Tac.* Has de dizer-me finezas;

e fazer-me muitos mimos?

*Mel.* Sim, sim.

*Tac.* E pedir-me zelos,

porque gosto muito disso.

*Mel.* Quanto quizer farei,

por te agradar meu menino:

fala-me com voz de Dama

quando vieres vestido.

*Tac.* Isso sei eu muito bem,

verás hum tiple bem fino,

olha, hei de falar assim,

vê se te agrada o estilo.

aqui venho, amado emprego, *Com voz afe-*

todo em amor incendiado, *(tada.*

perifcar na tua graça,

doce, e meigos carinhos.

*Mel.* Bello, bello, bem me agrada!

Es meu Tacaõ, hum prodigio,

ora anda vai preparar-te.

*Tac.* Vou saltando, e rebolindo:

logo te hei de apparecer

mais bello do que Cupido.  
*Mel.* Este já cahio no logro,  
agora falta-me o filho:  
mas elle para aqui vem,  
bello! Vamos já fingindo.

*Sabe Tareco.*

*Mel.* Senhor Tareco?

*Tar.* Que quer?

*Mel.* Quero que amante rendido,  
conresponda aos rendimentos  
desta meu coração fino:  
ora fale-me, meu bem.

*Tar.* Não quero: tem entendido?

Vá lá para meu Pai velho,  
e diga-lhe esses carinhos.

*Mel.* Como elle ha de ser meu Sogro,  
he justo o trate com mimo.

*Tar.* Eu entendo que você  
antes o quer por marido.

*Mel.* Por marido! Eu o arenego!  
Achavas que este brinquinho  
se queria empregar nelle  
porco sujo, e mofino!

*Tar.* Eu mais em ópios não caio.  
ainda estou sentido  
da logração do dinheiro.

*Mel.* Não o sentio vir cahindo?

*Tar.* O que senti na cabeça,  
forão carolos bem rijos.

*Mel.* Olhe, você tem a culpa  
de não ficar muito rico,  
porque foi tirar o lenço  
antes do tempo, e por isso  
à noite quero mostrar-lhe,  
aqui mesmo neste sitio,  
que ha de cahir desse tero,  
mais dinheiro do que fisco.

*Tar.* Nada, nada, tenho medo  
que me veja alguém contigo  
de noite.

*Mel.* Tem bom remedio,  
vem tu de mulher vestido.

*Vai-se.*

*Tar.* Pior, se me conhecerem  
não me maçaõ os focinhos?  
*Mel.* Como te haõ de conhecer  
sendo tu delicadinho?

Olha, põem tu muita cor,  
muitos sinais, e polvilhos,  
parecerás huma dama  
de muito donaire, e brio:  
e que gloria que terei,  
de estar falando contigo?

*Tar.* Pois bem; se tu goitas, vou-me  
emmulharengar de improvizo.

*Mel.* Olha; deita o pé á secia,  
faze curtos os passinhos,  
e faze-te melindroza;  
finge desdens, fala fino;  
assim me agradarás muito,  
e has de ser meu marido.

*Tar.* Isso sei eu, que já fiz  
Dama em hum entremezito:  
olha, eu hei de vir assim;  
vê se te agrada este mimo:

olha este deitar de perna, *Passando*  
repara neste geitinho  
que dou á cabeça: a voz  
he de Dama, vai ouyindo: *Com voz afe-*  
cu cá a senhora Dona *(tada.*

Tareca dos Tarequinhos,  
que vinha aqui visitar  
Dona Melindre. Ai feitiço!

He você: De-me hum abraço. *Quer abraço*  
*Mel.* Vamos devagar com isso. *(ça-lá.*

*Tar.* Tem paciencia, que queria  
fazer o ensaio ao vivo.

*Mel.* Ora vai-te preparar.

*Tar.* Verás que venho bonito. *Vão-se*

*Sabe Arbace, e Alexandre.*

*Arb.* Senhor, justa me parece  
a tua excrelta piedade.

*Alex.* Bem quizera o meu descanso,  
sem que se vertesse o sangue  
de Aspacia: eu bem conheço,  
que o seu delicto execravel,

*c. fa-*

e sacrilego offêdeo  
dos Numes a divindade,  
e que os defaggrava só  
victimando-a em seus altares:  
mas seja tambem dos Numes  
sacrificio o perdoar-lhe:

vai, e conduze-me Aspacia  
á minha presença, Arbace.

*Arb.* Vou, Senhor, a conduzila. *Vai-se.*

*Alex.* Senão aceitar prudente,  
o modo com que salvar-lhe  
a vida intento, terá  
sua morte inevitavel:

oh Deuzes! Que confuzoens  
de cuidados me combatem:  
do filho a inobediencia,  
de Aspacia o delicto grave,  
de Berenisse o desgosto,  
do meu cargo a Magestade,  
os insultos commetidos  
contra as excessas Deidades,  
para o meu dezafoço  
motivos são ponderaveis.

Quanto parece propicia  
fer do Sceptro a authoridade,  
aos que das suas pensoens  
as circumstancias não sabem:  
mas quem como eu lhe supporta  
o pezo, encontrará lances,  
em que não quizera o mesmo,  
que aos mais parece suave.

*Sabe Arbace, e Aspacia de Dama.*

*Arb.* Senhor, aqui tens Aspacia.

*Alex.* Deixa-a, e retira-te, Arbace. *V. Arb.*

*Asp.* Senhor, que queres de mim?

Teus aggravos satisfaze,  
cumpra-se a tua sentença,  
e derrame-se o meu sangue,  
para mais sensível mal  
a morte me não retardes.

*Alex.* Ah! Princeza; como ignoras  
a minha terna piedade!  
não sou fera produzida

da ardente Lybia nos valles:  
de ti me condo-o, e quero  
de destino melhorar-te.

*Asp.* Senhor, tanta compaixão  
o Ceo benigno te pague:  
deixa que na Real Mão  
prostrada os labios estampe.

*Alex.* Espera, Princeza, e ouve  
o modo com que livrar-te  
posso: eu, filha, bem conheço,  
que tens meritos bastantes,  
para que o teu Hymineu  
com Demetrio celebra-se:  
mas conhece, que não pôde  
permitted o meu caracter,  
que com infeliz desdouro  
á Regia palavra falte:  
para Esposa de meu filho  
pedi com instancias grandes  
a filha do Rei do Egypto,  
e se agora a repudiasse,  
com que Justiça seu Pai  
de mim devia queixar-se!

Eu de imaginalo só  
muito chego a envergonar-me:  
tu podes ceder Aspacia ....

*Asp.* Senhor, tenho ouvido, balte:  
manda lançar-me as cadêas,  
á prizaõ podes mandar-me.

*Alex.* Ah, Princeza! E quanto temo,  
que do teu excêssõ amante  
contra ti, e contra Demetrio  
rezultem trágicos lances.

*Asp.* Contra Demetrio, Senhor,  
o castigo he crueldade,  
quando só com minha morte  
teus intentos satisfazes.

*Alex.* Ora vem cá filha ....

*Asp.* Deixa  
esse epitheto agradavel  
para quem mais venturoza,  
do que eu no mundo se acclame:  
oh, dize-me, para Epiro  
hei de tornar? Que pezares!  
Aonde a minha desgraça.

he notoria? Ah, senhor, da-me  
antes mil vezes a morte,  
que para Epiro mandar-me:  
isto postrada a teus pés  
te supplico por piedade,  
e pelas Regias virtudes,  
com que te adornas triunfante,  
por estas lagrimas ternas,  
a que, Senhor, me obrigaste:  
tem compaixão lastimoza  
de meus afflictos pezares.

Ajoelha.

Chora.

Alex. Ah, filha! Vem a meus braços, A-  
braça-a.

tudo pôde remediar-se:  
tu bem sabes, que ainda tenho  
hum filho na tenra idade  
de dois lustros, e com elle  
quero Aspacia despozar-te.  
a cada hum d'elles darei  
dos meus dominios metade,  
e assim não terá teu Pai  
motivo para queixar-se,  
nem tu a razão mais leve  
terás para desgostar-me.

Asp. Muito me obrigas, senhor,  
com esta benignidade;  
mas de quanto me offereces  
só accésito a menor parte:  
o meu conforcio recuzo,  
pois não teria coragem,  
depois de perder Demetrio  
para de outrem a agradar-me:  
goze-se com Berenisse  
com feliz tranquillidade,  
que eu só o que de ti quero,  
he que me não dezempares,  
entregando-me de hum Pai  
á justa rigoridae;  
manda-me dos teus dominios  
para a mais agreste parte  
viver; onde solitaria  
minha infausta vida acabe.

Alex. Não chores, chára Princeza  
tudo o tempo mudar sabe,

Chora.

e o mesmo que hoje desprezas,  
talvez que a manhaã que abraces;  
a Demetrio a ti envio,  
se tu quem o dezengane  
dize que com Berenisse  
lhe he preciso despozar-se  
e se existir em querer-te,  
tu com animo constante  
o despreza, e lhe allegura,  
que o não queres.

Asp. Esse lance,  
he, senhor, muito perigozo;  
se podes delle evitar-me.....

Alex. Bem quizera; mas não posso:  
pois com Demetrio não valém  
nem sogos, nem ameaços,  
para que o vença a deixar-te;  
dispuz-te para esta empreza;  
o que te supplico fare:  
e verás com quanto affecção  
sei, oh, Princeza, adorar-te;  
mas se o contrario fizeres,  
do teu coração amante  
vencida mízera Aspacia,  
treme, treme de Alexandre.

Vai-se

Asp. Douzes! E hei de ser a mesma,  
que a Demetrio dezengane?  
E ha de ouvir da minha boca,  
que oom Berenisse caze?  
Ah! Que o animo me falta  
para tão triste combate:  
aonde exemplo acharei!  
com que poila confortar-me?  
Ah, Demetrio, gloria minha,  
se os meus suspiros amantes  
ao menos vencer pudestem.....  
Mas, triste Aspacia, que fazes?  
tu com ternuras a tempo,  
que com aspero semblante  
a dar reprehensões severas  
só devias enfiar-te?  
Sim, de fera aprenderei  
a ter a rigoridae:  
pois só desta forte eximo

a graganta de hum alfanje ;  
e a Demetrio desgraçado  
livro da mesma crueldade. *Choro.*

*Sabe Demetrio com guardas, que se retirão, e  
o deixão sem cadeas.*

*Dem.* Que se intenta de mim ? Mas , Ceos ,  
que vejo !

He Aspecia, ou ma singe o meu dezejo ?  
Pensativa , de mim ! Estã chorando  
suas faces com perolas regando !

Aspacia, chora Esposa, amado objecto !

*Asp.* Ah ! Senhor, suspen-te esse epitheto,  
pois delle Berenisse he só creadora ;  
como tua consorte firme a álora,  
loucura será o nosso excessõ,  
com ella vive em paz, que assim to peço,  
naõ te lembres de mim, e se algum dia  
te recordar a vaga fantazia  
dêsse passado amor, ou pena, ou gloria,  
converte logo em odio essa memoria :  
em Berenisse emprega os teus amores,  
objecto seja eu só dos teus rigores.

*Dem.* (Oh Ceos ! Que oço, e a pena me naõ  
mata ?

Que martyrio he o meu ? ) Dize-me in-  
grata :

onde foste áprender tal vil mudança ?

*Asp.* Já cede aos meus affectos a esquivança.

*a parte.*

*Dem.* Eu já desse rigor a cauza entendo ;  
meu Pai ro enlitou, bem o comprehendendo,  
he isto assim, meu bem ? Aspacia, falla.

*Asp.* De todo o coraçõ no Peito estala,  
a teu Pai affirmei, ah tyrannia !

Que eu mesmo o teu consorcio aborrecia.

( Eu me tinto de dôr enloquecida,  
mas fingir he preciso. )

*a parte*

*Dem.* Inpã homicida,  
de tanta adoraçõ he este o pago ?  
Inda maior estrago  
queres tinto neste ultimo momento  
da minha vida infausta ?

*Asp.* ( Oh que tromento ! )

*Dem.* Naõ sabes que es meu objecto ?

Que a ti só se confraga o meu affecto ?

Pois tyranna, que ingraticoens sab estas ?

*Asp.* Tudo sei ; mas só quero me aborrecas.

*Dem.* Oh perfidia ! Oh rigor ! Oh faldidade !

Em peito-feminil naõ ha lealdade :  
tudo he traiaçõ ; he feia aleivozia,  
com rigor-se compenfa a idolatria ?

*Asp.* Conitante, coraçõ, eu desfaleço. *a p.*

*Dem.* Eu te adoro cruel.

*Asp.* Eu te aborreço.

*Dem.* E porque ? Que fiz eu ? Pude aggra-  
var-te.

*Asp.* Porque me naõ comvem mais adorar-  
te.

*Dem.* Ah ! Tyranna aleivoza !

*Asp.* Berenisse, senhor, he tua Esposa :

a ella estima só, como he devido

de mim tira o sentido ;

pois nosso amor ja passa a ser loucura.

Adeos, Principe, adeos. *Retirando-se.*

*Dem.* Vem cá, prejura,

dize ao menos .....

*Asp.* Naõ tenho que dizer-te

*Dem.* Vai-te ingrata, já chego a comprehen-  
der-te ;

de Cliarco a lembrança

em teu peito fulmina essa mudança,

a desprezar-me, ingrata, elle te obriga.

*Asp.* Naõ, Demetrio, meu bem .....

*Dem.* Vai-te, inimiga.

*Asp.* Enganas-te, senhor.

*Dem.* Naõ, naõ me engano.

*Asp.* Mais me afflige esta dor que o dezan-  
gano,

pois minha pura fé ver offendida

sinto mais que perder a propria vida. *a p.*

Assim Principe, o teu rigor me trata ?

*Dem.* Aparta-te de mim, tyranna ingrata,

aleivoza, prejura enganadora,

e por fim costumada a ser traidora.

*Asp.* Naõ me insultes ; só por salvar-te a vida,  
deixar-te pertendi.

*Dem.*

*Dem.* Vai-te fingida,  
 ha pouco a ter constancia me ensinaste,  
 e com outro pretexto te mudaste;  
 com tua variedade eu perco a vida,  
 deixa-me ingrata já, vai-te fingida.

*Asp.* Eu te livro, meu bem, desses cuidados,  
 verás que sou constante: oh lá Soldados,  
 nos braços as prizoens outra vez quero,  
 e dizei a ElRei, que a morte espero,  
 Pois não posso ao repudio violentar-me:  
 adeos, senhor, que torno a encarcerar-me.

*Passando.*

*Dem.* Espera, amado bem, infausta sorte!

*Asp.* Já remedio não ha, senão a morte.

*Dem.* Ah Pai! Ah Pai tyranno!

*Sabe Alexandre.*

*Alex.* Que intentas deshumano.

*Dem.* Que o coração me faças em pedaços;  
 ou não me quebres, não, tão finos laços.

*Alex.* Assim cumpris, Aspacia, o meu pre-  
 ceito?

*Asp.* Oh! Perdoo, senhor, o teu respeito,  
 quiz cumprillo; mas foi cruel a empresa,  
 falton-me para o lance a fortaleza,  
 dezanimei no assalto; foi loucura,  
 pois não pude conter minha ternura.

*Alex.* Talvez que este impio a culpa só ti-  
 vesse,

de que a tua constancia esmorecesse.

*Asp.* Ah! Não meu Rei, Demetrio, he in-  
 nocente,

eu sou a delinquente;

eu só devo sentir da morte a pena:

sim; a teu filho absolve, e a mim con-  
 demna.

*Dem.* Que proferes, Aspacia idolatrada?

Tu em nada es culpada,

culpa tenho eu só, Pai rigorozo.

*Asp.* A morte só te peço, ó Rei piedozo.

*Alex.* Calai-vos infieis, que sois segura

cauza infeliz da minha desventura:

queres fazer insano

de hum Pai compadecido hum Pai ty-  
 ranno?

E tu minha piedade  
 queres ver convertida em crueldade?

*Dem.* Não n e animo a cumprir o teu preceito,  
 quero sentir da morte o duro effeito;  
 não busco outra desculpa;  
 mas Aspacia, que em nada teve culpa,  
 não déves castigar como inimigo.

*Alex.* Pois nella principie o teu castigo,  
 se queres que a piedade a rigor passe,  
 rigorezo ferei; oh lá, Arbace?

*Sabe Arbace.*

*Arb.* Que me ordenas, senhor?

*Asp. e Dem.* Oh dor vehemente!

*Alex.* Leva esta delinquente;  
 pois de huma compaixão despreza o rogo,  
 o que tenho ordenado, cumpre logo.

*Arb.* Já te obedeco, senhor, vamos, Princeza.

*Dem.* Mata-me antes, que a tão impia fereza  
 as tuas iras barbaras se ateevão.

*Asp.* Adeos amado, que a morrer me levaõ.

*Dem.* Suspende, oh fero horror da tyrannia.

*Alex.* Detem ingrato a perñda ouzadia!

*Dem.* Piedade, meu Pai.

*Alex.* He tarde, ingrato,  
 do paternal amor perdeste o trato.

Leva Arbace; que esperas?

*Arb.* Vem, senhora.

*Asp.* Adeos, meu bem, chegou a final hora:  
 peço-te nestes ultimos retiros,  
 se contigo inda valem meus suspiros,  
 que dês a Berenisse a mão de Espozo,  
 que no trance penozo,  
 o golpe escuzarei; pois já vou morta. Vai-

se, e Arbace.

*Dem.* Detem-te, iniqua fera. *Quer ir-se.*

*Alex.* Onde vas, infiel? Hum pouco espera.

*Dem.* Tem de mim compaixão, oh Pai  
 amado.

*Alex.* Tu quizeste cruel ver-me irritado:

conhecerás agora

quanto ser obediante melhor fora.

*Dem.* Assim he ; mas Aspacia infeliz morre,  
e tua compaixão não a socorre:  
deixa-me.

*Quer ir-se.*

*Alex.* Impio, socega.

*Detendo-o.*

*Dem.* Esposa chora.

*Alex.* ( Ai de mim, que o valor me deza-  
para ! )

*Dem.* Deixa-me ir socorrerla,  
ou ao menos, se quer, morrer com ella.

*Alex.* Não quero que te apartes ; que lou-  
curas

hoje intentas fazer ?

*Dem.* Muito me apuras,  
teme, teme, senhor, que se inclemente  
já mandaste matar essa innocente,  
eu esquecido do filial desvélo  
possa ser, cruel Pai, o teu flagelo.

Cuida logo em matar-me deshumano,  
e não queiras em mim deixar teu damno ;

*Alex.* Não deixarei, que o teu funesto fado  
já, oh perjuro, está determinado.

*Sabe Arbace.*

*Arb.* Tuas ordens, senhor, ficão compridas,  
o espirito exhalou pelas feridas.

*Dem.* Ah ! Impio Juiz cruento ! *Para Alex.*  
Oh vil executor sanguinolento ! *Para Arb.*  
Oh Aspacia querida !

ah, que se eu conservar poderá a vida,  
em paga deste teu barbaro effeito

te arrancara o coração do peito, *Para Arb.*  
e de ti Pai ....

*Alex.* Que dizes, insolente ?

Mas he melhor deixar este imprudente :  
senão me obedeceres, sim, pontera,  
que castigo mais aspero te espera. *Vai-se.*

*Dem.* Não poderás tyranno excogitalo.

*Arb.* Ai de mim, quem poderá consolalo.

*Vai-se.*

*Dem.* Onde estou ? Quem sou eu ? Que me  
succede ?

já de todo ao pezar o alento cede :

oh Pai ! Aspacia ! o chaô treme comigo ;

eu vou, eu vou, oh barbaro inimigo :  
mas ai, quem me embarça !

o sangue se me esfria, que desgraça !

O coração no peito está tremendo,

a luz do Sol se vai escurecendo :

tudo me vai deixando :

de mim proprio me estou horrorizando :

eu estou delirante,

e não he muito em dor tão penetrante ;

que inhumana me cerca,

perdendo Aspacia, que o juizo perca ;

oh desgraçada flor amortecida

na flor da idade apenas foi nascida :

houve, em fim, coração que se atrevesse ;

sem que a vida perdesse,

A mas em que se demora a conjectura

nas extintas porçoens do sangue infausto !

Oh, da vingança barbaro holocausto !

reliquia de precioso desperdicio,

de hum Pai irado injusto sacrificio !

Imagem infeliz da desventura,

tudo tributo, em fim, da sepultura :

mas como o peito a dor inda supporta,

eu com vida, meu bem, e tu já morta ?

A Coroa, o Sceptro, a Patria, o Throno,

e o Imperio ;

se trocarão em infame vituperio ;

se tu por mim o sangue derramando,

eu disse me ficasse inda gozando :

não, meu bem, não he esta a lei de

amar-te,

eu vou querida prenda acompanhar-te ;

este punhal me exima do tormento,

e do golpe mortal seja instrumento. *Vai e*

*ferir-se com hum punhal.*

*Sabe Berenisse, e o suspende.*

*Ber.* Ah, Demetrio !

*Dem.* Que queres ? Vai-te, impia.

*Ber.* Detem, senhor, tão grande tyrannia.

*Dem.*

*Dem.* Não hei de suspender: tu foste a origem dos acerbos martyrios, que me affligem; e ainda vens estorvar-me a morte justa? Não has de conseguilo, vai-te injusta: quecida Aspacia, a teu amor propicio faço este voluntario sacrificio. *Quer fivir-se, e Bernisse o suspende.*

*Ber.* Não te mates, meu bem, deixa a estudeidade.

*Dem.* Aparta-te inhumana por piedade. *Forcejando.*

*Ber.* Oh penas excessivas!

*Dem.* Que mais queres de mim?

*Ber.* Quero que vivas.

*Dem.* He injuria o viver: queres deixar-me?

*Ber.* Quem me acode? Ai de mim!

*Dem.* Hei de matar-me. *Quer fevir-se.*

*Sabe Alexandre, e Arbace.*

*Alex.* Que fazes, infiel?

*Dem.* Deixa-me ingrata.

*Ber.* Vem: accode a teu filho, que se mata.

*Alex.* Louco, larga o punhal. *Tira-lho.*

*Dem.* Que mal tyranno!

Todos vos conjurastes em meu damno;

que fera te criou por meu castigo,

accuzadora infiel, Pai inimigo?

*Alex.* Pois não posso do intento já livralo, menos damno será dezenganalo. *á parte.*

*Ber.* Oh! suspende essa furia lastimoza.

*Dem.* Auzentaste, inimiga rigorosa.

*Alex.* Amado filho.

*Dem.* Vai-te ingrato,

não mereces de Pai o nome grato.

*Arb.* Principe excoeso, applaca o sentimento.

*Dem.* Aparta-te daqui, fero instrumento. *Pa-va Arbace.*

da mais infausa morte,

fujas todos da minha injusta sorte,

que impaciente, furiozo, e sem juizo,

as furias desse Averno em vós devizo.

De Aspacia o sangue amado

viganga está pedindo ao meu cuidado.

*Alex.* Ainda Aspacia ....

*Dem.* Elle nome não profiras,

pois me accendes mais com elle as iras:

temo que mais o acordo se enfureça,

e de quem es, e de quem sou me esqueça;

oh, fugi de hum infano arrebatado;

mas não: fugi do meu tyrano fado,

das Estrellas, dos Deozes inclementes,

de mim, de vós, de todos os viventes;

despenhando-me a triste desventura,

onde eu mesmo abra a minha sepultura. *Vai-se arrebatado.*

*Alex.* Aspacia he viva: ouve, filho amado e ai de mim infeliz, Pai desgraçado! *á p. F.*

*Arb.* De todo a luz do acordo tem perdida: quanto temo que a dor lhe tire a vida!

*parte, e vai-se.*

*Ber.* Berenisse infeliz, onde vieste,

que estrella te guiou, onde trouxeste

os teus ressentimentos soberanos,

a supportarem tristes dezenganos?

Onde hirei? Que farei? Se quanto vejo

he tudo opposto contra o meu dezejo:

os olhos minha magoa tem de fronte,

em cada tronco, rocha, planta, e monte;

onde hirei infeliz, e desgraçada?

voltarei para a Patria lastimoza,

com o ludibrio de regeitada Esposa,

demudando o feliz contentamento

em medonho, em funesto sentimento?

vós, aves, que habitais nesses retiros,

lá ouvireis meus ultimos suspiros;

em fim, perdi o amante, oh duro fado!

trespaça-mê este peito desgraçado,

que antes quero da morte o duro instante;

que hum destino soffrer taõ inconstante.

*Vai-se.*

*Sabe Tacão, e Taveco vestidos de mulher: ca-da hum por sua parec.*

*Tar.* Venho taõ gentil, e airoza,

que me não excede Venus.

*Tac.* Illo está já bem escuro,

nem palmo de terra vejo ;  
 se estará já esperando  
 Melindre por mim ? Ai venho  
 tão galante , que ella fica  
 toda rendida em me vento ,  
 Tar. Mas ai , que já sinto passos ,  
 he o meu amado emprego .  
 Tac. Eu já sinto rangir saias ,  
 sem duvida he o meu objecto .  
 Tar. Vou-lhe fallando de Dama ,  
 para lhe agradar primeiro .  
 Tac. Eu vou já fingindo tiple ,  
 bem entoadinho , e meigo .  
 Tar. He o meu amado encanto ? *Com voz  
 fina , e affectada .*  
 Tac. Es o meu doce disvelo ?  
 Tar. Ai , que ella finge-me a voz ?  
 Ora a moça he hum protento ,  
 fallando com voz mudada !  
 a magana vale hum Reino . *á parte .*  
 Tac. He quem busca , meu hemzinho ,  
 a luz dos teus olhos bellos .  
 Tar. Eu cá sou huma senhora  
 mui delicada , e que venho  
 nos braços de quem adoro  
 apagar os meus incendios .  
 Tac. Tambem eu sou huma Dama ,  
 que venho , meu bem , ao mesmo .  
 Tar. Ora de-me hum abracinho .  
 Tac. Ai meu amor , tome hum cento . *Abra-  
 ção-se .*  
 Tar. Aperte , aperte minha alma .  
 Tac. Sim , minha vida , eu aperto :  
 ai , que tão doces abraços !  
 Tar. Ai , que abracinhos tão meigos !  
  
*Sabe Melindre com luz .*  
 Mel. Quem está fazendo motim ?  
 He galante atrevimento !  
 Tac. Mas que vejo ? Irra que he macho !  
 Tar. Arre que he como hum Coelho !  
 Mel. Vão-se daqui mariolas :  
 othem , e que dois marmanjos ?

Quem me dêra que viesse !  
 quem maçasse estes fendeiros .  
 Tac. Mui bem , senhora Melindre ;  
 com que este he o dinheiro ?  
 Tar. Com que estas são as moedas ,  
 que havião cair do tecto :  
 Mel. Qual dinheiro , ou qual historia ?  
 Que vocês são doídos creio .  
 Tac. Mas este maroto , tem  
 só a culpa deste enredo :  
 leve já com esta capa  
 pelas ventas trapaceiro . *Dá em Tarco .*  
 Tar. E você leve com esta ,  
 já que me logrou . *Dá em Melindra .*  
 Mel. Ah , perro ,  
 hum moço do meu brio  
 offende allim dezatento ?  
 Tac. Anda leva com a saia . *Dá em Tarco .*  
 Tar. Atire , que eu faço o mesmo . *Dá em Mel .*  
 Mel. Fôra tollos , fôra tollos ,  
 que os logrei , he nui bem feito . *Vai-se .*  
 Tar. Senhor Pai mui boa moça  
 abraçou ! *Vai-se .*  
 Tac. Fôra bregreiro ! *Vai-se .*

## S C E N A II.

*Vista de Camera Regia : Sabe Alexandre , e  
 Decio .*

Alex. **D**Eixa-me , que inconsolavel  
 me vejo : oh charo Demetrio !  
 a que desgraça te expoz  
 hum Pai deshumano , e fero ! ;  
 Dec. Senhor ....  
 Alex. Ah ! Deixa-me , foge  
 de hum mostro sanguinolento ,  
 que ao mesmo a quem deo o ser  
 buscou o estrago funesto .  
 Dec. Senhor , senão concorreste  
 para o seu destino adverso ,  
 voluntariamente , tens  
 a teus males refrigerio .  
 Alex. Sim , concorri deshumano

para o seu estrago , Decio ;  
pois lhe fingi que mandara  
matar Aspacia , entendendo  
que extincta a principal cauza  
cessasse tambem o effeito ,  
e que hiria pouco a pouco  
o amor desvanecendo  
de Aspacia , e a Berenisse  
cumprisse o justo Hymeneo :  
mas , oh , desgraçado Pai ,  
aonde has de achar exemplo ,  
que me desculpe a violencia ,  
que executei com Demetrio !

*Dec.* Senhor , inla pôde ser ,  
que não morresse ; sabemos ,  
que das ondas o salvaraõ.

*Alex.* Ah , Decio , ah , e quanto temo ,  
que a sua alucinaçaõ  
lhe buscaste outro despenho !

*Sabe Arbace.*

*Arb.* Senhor , o Principe he vivo.

*Alex.* Porém onde está ?

*Arb.* Ao tempo  
que das ondas o salvaraõ  
entrou n'hum delirio fero ,  
sem pronunciar palavra ,  
que não fosse desacerto ,  
e arrancando da cinta ,  
com desesperado alento  
a espada a hum seu criado ;  
de nós se foi defendendo  
de forte , que foi inutil  
a todo que quiz fustelo ;  
até fóra da Cidade ,  
fomos em seu seguimento ,  
até que as sombras da noite ,  
de nós , o esconderaõ :  
voltei a dar-te noticia  
de outro cazo mais adverso :  
ao nosso porto do Epiro  
chegaõ Navios immensos  
senão se lhe impede o paço ,

vê , senhor que nos perdemos.

*Alex.* Ah , filho , a que desventura  
nos expoem teu amor cego !  
Oh lá preparem-se as tropas  
sem demora de hum momento.  
taõ orgulhoza perfidia  
vamos castigar.

*Dec.* Que ? Excelso  
Monarcha , não te adventures ,  
que para tantos soberbos  
castigar aos teus Soldados  
animará meu alento.

*Alex.* Não , não , Principe , á campanha  
tambem sem demora ir quero ;  
pois são annos de martyrios  
qualquer instante que perco ,  
de castigar hum traidor ,  
e desaggravar meu Scetro.

*Dec.* Pois a teu lado animozo  
verás te acompaña Decio.

*Vai-se*

*Quer hir-se*

*Sabe Berenisse.*

*Ber.* Primo , onde vaz ? Espera ,  
por piedade te peço ;  
não queiras dezamparar-me  
em martyrios taõ acerbos :  
oh tem de mim compaixaõ ,  
conçola-me , Primo , ao menos !  
*Dec.* Berenisse , amada Prima ,  
que novo cazo , que excessõ  
te obriga a desperdiçar  
esses aljofares bellos ?

*Ber.* Inda queres maior cauza ,  
que os estragas de Demetrio ?

*Dec.* He crível , que não te obrigue  
a deixar taõ fino extremo ,  
o ver de teu peito amante  
mal conrespondido affecto ?

*Ber.* Não , Principe , já não he  
nascido o meu sentimento  
das vivas chammãs de amor ;  
he sim da piedade effeito :  
são remorços que em minha alma

em contínuo movimento,  
me accusaõ de ser origem  
de dezastrẽ taõ funestos.

*Dec.* Tu culpada? Em que Prinzeza?

*Ber.* Em pedir com grande excessõ  
da infeliz Aspacia a morte,  
e deste excessõ proveio  
taõ lamentavel ruina,  
quanta sinto, e exprimento

*Dec.* Não errastes, pois quizestes  
desaggravar teu respeito.

*Ber.* Errei, pois que não devia  
com amor furioso, e cego,  
querer dezarar hum laço,  
que teceo taõ puro affecto:  
agora por mais desgraça  
o Rei contra mim reccio.

*Dec.* Contra ti?

*Ber.* Sim, contra mim:  
ouve o caso, eu to confesso:  
fingindo o Rei morta Aspacia,  
a mim a entregou dizendo:  
aqui tens do teu repulso  
todo o motivo, eu ta entrego;  
guarda-a occulta, que eu direi  
que he morta, e assim Demetrio  
põde ser vá apagan-lo,  
taõ vivo, e amorozo incendio,  
e que para ti premude  
o seu excessivo affecto,  
e senão bastar o engano  
para tanto amor vencer-mos  
satisfaze os teus desprezos:  
mas eu incitada oh Deuzes! ....

*Dec.* Que fizestes? Ceos supremos!

*Ber.* Vendo que o tela escondida  
era hum inutil remedio,  
para o meu repudio .....

*Dec.* Ah fera!

E tiveste impio alento  
para matar a infeliz?  
Deixa-me coraçã fero,  
aparta-te de meus olhos.

*Ber.* Já tu me criminas, Decio?

ouve .....

*Dec.* Não te quero ouvir:

Ah monstro sanguinolento!

*Ber.* O contrario executei,  
do que estás Primo entendendo;  
incitada da Piedade,  
que do seu destino tenho,  
temi, que o Rei em sangue  
vingar quizesse o averso  
fado cruel de seu filho,  
e com mihi piedozo alento;  
lhe dei libertade para,  
fugir ao rigor fanelo  
e que Alexandre me culpe,  
de sua fugida temo.

*Dec.* Oh que estimavel piedade  
obrou teu coraçã temo!  
não te arrependas, senhora;  
porque deminues o preço  
a huma arçã, em que accendes  
em minha alma mais incendio;  
pois tua Regia virtude,  
amo, meu bem, e respeito.

*Ber.* Que dizes?

*Dec.* Ah, sim, perdoa,  
perdoa a torado objecto,  
que a minha amante. expreçã  
busque os amorozos,  
do meu amor incitado,  
e dos teus merecimentos.

*Ber.* Pois bem, de ti me retiro.

*Dec.* Ora concede-me, ao menos,  
que seja a voz pregoeira.  
Deite ardor, que encerra o peito.

*Ber.* Em sim, para ser em tudo  
infeliz contra mihi vejo  
de Decio o amor inutil,  
e os repudios de Demetrio.

*Dec.* Pois não, cruel, não te faça  
desgraçada o meu affecto:  
á guerra vou em favor  
de Alexandre, onde pertendo  
arrojar-me temerario,  
com dezesperado excessõ,

pelas armas inimigas  
até extinguir o alento ;  
e talvez que a teus ouvidos  
chegue tiranna primeiro ,  
da minha morte a noticia ,  
que do conflicto a certeza :  
a Deos , a Deos inimiga .

*Ber.* Mas por compaixão te peço ....

*Dec.* Bem sei , que mais te não veja ;  
obedeço ao teu preceito :  
brevemente faberás  
que morreu o infeliz . *Decio.*

*Ber.* E tambem que Berenisse  
soube imitar teu exemplo . *Vão-se.*

### S C E N A III.

*Vista de marinha : Sabe Demetrio sem capi-  
lar , sem lauriola , e sem espada , e da  
parte esquerda do theatro Aspacia sem  
ver hum ao outro .*

*Dem.* **B**Arbara , e inflexivel forte ,  
cruel Pai , e deshumano ;  
de vós fujo , onde o meu damno  
se extingua com minha morte .

*Asp.* Aonde hirei fugitiva ?  
Aonde hirei ? Mas ( oh Ceos ! )  
se Demetrio já morreu ,  
não he bem que Aspacia viva !

*Dem.* Ah ! Meu bem , se do teu peito  
verteste o fangue , que choro ,  
que menos , porque te adoro  
obrarei a teu respeito ?

*Asp.* Nas ondas do mar o Espozo  
acabou , por me adorar ,  
eu tambem quero acabar  
nas ondas do mar furiozo .

*Dem.* Estas correntes serão  
hoje o fim das minhas magoas ;  
lavando com suas agoas ,  
nodoas do meu coração .

*Asp.* Em fim , se a tiranna forte  
contra nós enfurecida ,

nos não vinculou na vida ;  
nos faça parciais na morte .

*Dem.* Acompanhar-te minha alma  
já vai ; espera hum instante .

*Asp.* Morrendo por ti constante  
só terei de firme apalma .

*Ambos.* Eu vou , eu vou , prenda amada .

*Querendo precipitar-se no mar , se encontrão ,  
e ficão como abraçados , e suspensos .*

*Dem.* Mas que vejo ?

*Asp.* Mas que admiro ?

*Dem.* Deuzes , sonho ?

*Asp.* Ceos , deliro ?

*Amb.* Deixa-me sombra adorada .

*Dem.* Nos Elyzios meus rendidos  
affectos te hiaõ bulcar ,  
e aqui te venho encontrar  
vago objecto dos sentidos ?

*Asp.* Sagrados Deuzes ! Que vem  
meus olhos ? Em tal tormento  
finge-te o meu pensamento  
vago objecto do meu bem .

*Dem.* Não te engana a conjectura ;  
sombra tua sou amante ;  
que hei de seguir-te constante  
tê á mesma sepultura :  
mas quem de hum Pai rigoroso  
te salvou , prenda querida ?

*Asp.* Minha morte foi fingida ,  
por não feres meu Espozo ;  
pois teu cruel Pai irado  
me mandou impio esconder ,  
para assim desvanecer  
o teu amante cuidado :  
numa caza , oh tirannia !  
fui reclusa , amado bem ;  
aonde não entravaõ nem  
os respandores do dia :  
arbitro do meu destino  
Berenisse , Senhor , era ,  
a qual o peito de fera  
mudou em peito benigno :

com excessã piedade ,  
tendo de mim compaixão ,  
foi cautelozã a prizaõ ,  
e me poz em liberdade.  
Fugi , mas sendo informada  
do teu cruel precipicio ,  
queria por sacrificio  
fer no mar precipitada.

*Diz dentro Cliarco.*

**Cliarc.** Epirotas valerosos ,  
ao valor de vossos braços  
naõ fique hum Assyrio vivo.

**Dem.** Que oço , oh Numens Sagrados !  
os inimigos nos cercaõ  
por toda a parte.

**Asp.** Oh Astros  
cruéis , inda me guardais  
para mais sensiveis damnos. *Esconde-se.*

*Sabe Cliarco , e Soldados por diversas partes.*

**Cliarc.** Assyrio , da-té á prizaõ :  
que vejo , oh ditozo assalto !

Demetrio meu prizonheiro !

Oh lá , predeci-o , Soldados.

**Dem.** Perfidos , crueis , indignos ,  
eu saberei castigar-vos ,  
temei , temei meu furor ,  
ainda que estou dezarmado.

**Cliarc.** Oh lá , segurai-o bem ,  
e se rezistir , matai-o.

*Sabe Aspacia.*

**Asp.** Esperai , oh infieis :  
que intentas , impio Cliarco ?  
Antes que o Principe offendas  
tira-me a vida , inhumano.

**Cliarc.** He Aspacia ? Oh que fortuna  
hoie me concede o fado !  
Pois da victoria , que espero

este he o primeiro lauro :  
oh lá , trazei escaletes  
para este sitio , Soldados :  
conduzi logo a Princeza  
para o meu navio , e dando  
velas ao vento , parti  
logo para Epiro , em quanto  
eu dos nostros iniaigos  
ptocuro o ultimo castigo.

**Dem.** Naõ conseguiras , traidor ,  
teus intentos temerarios.

**Cliarc.** Demetrio , se morrer queres ,  
reziste.

**Dem.** Quero inhumano ,  
qual Leão enfurecido ,  
furiozo , e desesperado  
arrancar-te do vil peito  
o coraçõ em pedaços.

**Cliarc.** Eu com teu sangue infiel  
extinguirei os aggravos  
do meu Rei ; matai-o já.

**Asp.** Esperai , crueis Soldados :  
oh Ceos , tende compaixão  
do meu inteliz estado. *d part.*

**Cliarc.** Segurai-o.

**Dem.** Ah ! Traidores :

mas , Ceos , já me vai faltando  
o alento ; eu destaleço :  
soltai-me , crueis , os braços.

**Cliarc.** Nociva he já a demora ,  
vamos Princeza.

**Asp.** Tiranno ,  
em quanto river alento  
naõ moverei daqui passo.

**Cliarc.** Pois conviolençia hirás. *Pegando-lhe na mão.*

**Dem.** Ah ! Princeza , oh vil contrario ,  
eu acabo ; oh , quem pudera  
vingar-se enã teu peito falso !

**Cliarc.** Vamos , Princeza.

**Asp.** E assim  
do teu Rei , a filha ultrajas ?

**Cliarc.** Enganas-te ; naõ te ultrajo ;  
todo o excéssõ , que executo ,

ao meu Rei será mihi grato;  
e o amor, que te confervo  
tambem assim desagravo.

*Asp.* Amor? Indigno, algum dia  
attendi aos teus agrados?

*Clíarc.* Tu não me attendeste, antes

tudo estava ignorando;  
mas tua fingida Irmaã  
motivou todo este engano;  
pois sabendo que excessivo  
procurava o amante trato  
da tua correspondencia,  
ella me teve enganado;  
pois me escripta em teu nome:  
e chegou a excéssão tanto,  
que me falou muitas vezes  
com amorozos afagos.

da janella do Jardim;

mas no teu retiro infausto;

todo este enigma me foi  
por ella entãõ declarado.

*Asp.* Meu bem, da minha constancia  
estás já defenganado? *Para Demetrio.*

*Dem.* Ah! Que deste engano fero  
provém as penas, que passo.

*Clíarc.* Anda, Princeza. *Levando-a.*

*Asp.* Ah, bárbaro!

Primeiro este alento infausto  
me extingua, do que devidas  
taõ fiel, e amante laço.

*Sabe Alexandre, Decio, e Soldados com as  
espadas na mão.*

*Alex.* Soldados, este inimigo  
ao nosso rigor pareça.

*Dec.* Ao valor da minha espada  
vertei os sangue das veias,

*Clíarc.* Oh Ceos! Que improvizo acazo;  
inutil he a defeza. *Brigaõ, retirando-  
os de Clíarco.*

*Dem.* Larga, traidor, essa espada;  
paga infame tanta offensa.

*Tira a espada da mão a hum Soldado, e se  
vão todos brigando.*

*Asp.* Amparaí-me, Sacros Numens!

Em taõ rigorosa estrella,  
que importa que de Clíarco  
livre do rigor se veja,  
quem no poder de Alexandre,  
maior desgraça recceia.  
Foge, desgraçada Aspacia,  
para a parte mais dezerta,  
aonde não seja ouvido  
teu pranto, senãõ de feras. *Quer ir-se!*

*Sabe Berenisse que a suspende; Melindre, e  
acompanhamento.*

*Ber.* Onde vas? Espéra, Aspacia.

*Asp.* Fujo, oh excessãõ Princeza,  
de mais competir contigo:  
vive em paz, cinge o Diadema  
da Assyria com o teu Demetrio,  
que eu, Berenisse excelsa,  
hirei acabar a vida,  
onde me guiar a estrella.

*Ber.* Aspacia, já não sou tua  
competidora, socega,  
que infuida de virtudes  
já sei vencer paixõens ternas!

*Sabe Alexandre, Demetrio, e Decio!*

*Alex.* Aos prizioneiros levai  
com cuidado, e com cautela  
para as torres; mas Aspacia,  
quem te soltou das cadêas?

*Ber.* Eu fui, excelsõ Alexandre,  
quem com mihi justa clemencia  
lhe dei liberdade; e sou  
quem já sem tua licença  
vai embarcar para Egypto;  
com inrezoluta impaciencia  
fugindo as adversidades,  
que em teus dominios se observaõ:

mas como não conseguí  
 hir, fero ser vista esta ausência,  
 quero que compadecido  
 hura pouco, Senhor, attendas:  
 para Esposa de Demetrio  
 vim a Syria, onde aprêssa  
 exprimentei tyrannias,  
 ingraticoens, e violencia:  
 nem de ti, nem de teu filho,  
 nem desta infeliz Princeza  
 me queixo, só me lastimo  
 da minha infeliz estrella:  
 e se tu benigno queres  
 satisfazer minhas queixas,  
 permite-me que de Aspacia  
 teu filho consorte seja;  
 pois me parece, que o Ceo  
 outra couza não ordena;  
 e desta resolução  
 a nossa gloria se augmenta.

*Dec.* Oh; benigno coração!

*Dem.* Oh, mais que humana clemencia!

*Ber.* Não me respondes, Senhor?

Já sei que não he acceita  
 de ti a minha piedade,  
 que he devida, e he sincera.  
 Também queres ser tyranno  
 comigo? Oh: Não o sejas,  
 favorece-me a obrar  
 huma acção tão pia, e regia;  
 Aspacia, prosta-te aos pés  
 de Alexandre, que clemencia  
 pôde ser, que do teu pranto  
 muito mais, que de mim, tenha.

*Asp.* Piedade, excelso Alexandre, *Ajoelha.*

tem já de tanta inclemencia,  
 e se te mereço a morte:  
 aqui tens para as cadêas  
 os braços: manda matar-me,  
 e com a minha tragedia  
 acabe, Senhor, excelso,  
 tão impia, e infaulta scena.

*Dem.* Amado Pai, senão tens  
 coração de dura pedra,

da nossa infelicidade  
 vence esta cruel violencia. *Ajoelha.*  
*Ber.* A teus pés prostrada, imploro, *Ajoelha.*

vertendo lagrimas ternas,  
 esta mercê, que ati metano  
 servirá de gloria immensa.

*Alex.* Levantai-vos: Berenisse,  
 tua virtude, e prudencia  
 me obriga grato accetor  
 o mesmo, que não quizera:  
 mas como tu propria o pedes,  
 he justo, que to conceda:  
 Aspacia, vem a meus braços, *Abraga-a.*  
 pois para que feliz venças,  
 conseguiste intercessora  
 tão virtuozza, e discreta.

*Asp.* Senhor, acção tão benigna  
 o mesmo Ceo te agradeça;  
 e tu excelsos louvores *Para Ber.*  
 goza, Heroína preexcella.

*Dem.* Goza; e cita, virtuozza  
 acção, que executas regia  
 na serie da heroicidade  
 faça a tua fama eterna.

Amada Esposa, esta mão *Para Asp.*  
 que pon amantes promessas  
 já ha muito he tua, agora,  
 de cuidados livre, á accetia.

*Asp.* Nella, meu bem, se terminaõ  
 de meus dezejos a idéa.

*Alex.* De teu repudio bem sabes  
 não tive a culpa, Princeza. *Para Ber.*

*Ber.* Mais me convem o repudio,  
 que o conforcio por violencia,  
 que quando hum Esposo amante  
 para as minhas Nupcias queira  
 em Decio, arcu Primo, encontro  
 merito para merecelas.

*Alex.* Pois para que em Decio Esposo  
 tam benemerito tenhas,  
 com teu Pai empenharei  
 a minha Real grandeza.

*Ber.* Para o seu consentimento  
 accetio a tua promessa.

*Aspacia na Syria.*

*Dec.* Eu te agradeço affectuozo  
o quanto por mim te empenhas,  
nesta ditoza esperanza  
minha vida se conserva.

*Ber.* E he juizo que a minha maõ  
te pague tantas finezas.

*Sabe Arbace, Tacão, e Tarcoo.*

*Arb.* Senhor, o traidor Clarco,  
já fica em tuas cadêas.

*Alex.* Pois desliche liberdade,  
e para com toda a pressa  
dar parte ao seu Rei, que Aspacia  
fica da Syria Princeza. *Vai-se Arbace.*

*Tar.* Temos meu amo cazado?  
Hora para bem lhe seja.

*Tac.* Pois eu tambem cazar quero,  
da-me a maõ, moça, que esperas?

*Mel.* Eu quero huma maõ cedica?

*Tar.* Oh filha, aqui tens mais fresca. *Dad*  
as mãos.

*Mel.* Esta sim que me consola.

*Tar.* Pois se te consola, aperta.

*Tac.* Hei de desherdalo perro,  
já que cazar me não deixa.

*Alex.* Eis-aqui: Aspacia na Syria;  
como Heroína preexcella  
fez com a sua virtude  
brilhar a minha clemencia;  
pois sendo a sua constancia  
o objecto desta scena

se vê bem dezempcnhada

*Todos.* A sua rara fineza.

F I M.

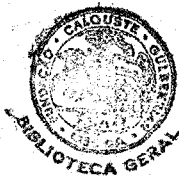
L I S B O A,

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA:

ANNO M. DCC. LXXXVIIII.

Com licença da Real Meza da Comissãõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

NOTA



# NOTICIA AOS CURIOZOS.

**S** Alho á Luz o Livro intitulado *Menina*, e *Mossa*, em oitavo a 400. reis encadernados, e se vendem em casa de Joaquim de Pinna, nas cazas dos Religiozos de S. Domingos, na Praça do Rocio, como tambem as Comedias seguintes. *Aspacia na Syria*. *D. João de Alvarado, ou Creado de si mesmo*. *O Capitão Belizario*. *A Esposa Persiana*. *Zanovia em Armenia*. *A Valeroza Judith*. *Narcizo namorado de si mesmo*. *A Peruviana*. *O Amante Militar*. *A Tragedia de D. Ignez de Castro*. *Inconstancias da fortuna, ou lialdade de amor*. *Tributos da Mocidade*. *O Escravo em grilhoens de Ouro*. *Cordova Restaurada, ou o Amor da Patria*. *O Conde Nestor, ou a Condeffa Carlota*. *O Entrudo desabuzado em Lisboa*. *Jozé no Egipto*. *A Ilha desabitada*. *A Restauração de Granada*. *Heraclio Reconhecido*. *A Gloria Luzitana*. *A Morte de Cezar, ou do Mundo a maior crueldade*. *O Tamorlaõ na Persa*. *Affectos de Odio, e Amer*. *Dido Desamparada*. *O Conde Alarcos*. *Alarico em Roma*. *A Doente fingida*. *As Lagrimas da Belleza*. *Eurene preceguida, e triunfante*. *Estocles na Albania, ou Leoncia reconhecida*. *No Amor tudo he enredo*. *A virtuoza Pamela*. *O Bruto de Babilonia*. *A Dama dos Encantos*.

cantos. Amor, e Obrigação. Laura Reconhecida. Vencer odios com finezas. Selvas de Dianã. Sezostris no Egipto. A Constancia tudo vence. Amor, traição, e ventura. Eneas em Getulia segunda parte de Dido. O primeiro Templo de Amor, ou Siantia em Tezalia. Semirame Reconhecida. Emendar erros de Amor, ou Cosdroa em Africa. Contra Amor não há Encantos. Odio, Vailor, e Affecto, ou Farnace em Eractea. Emira em Suza, e fugir á tirania para imitar a clemencia. A Noiva de Luto; e outras muitas, como tambem tôda a qualidade de Entremezes, &c.

